

O tempo dos triciclos

Filomena Vasconcelos

Faculdade de Letras
Universidade do Porto

Ilustrações de Evelina Oliveira



I. A cozinha em pé-de-guerra

O Mané entrou de rompante pela porta da cozinha adentro, em alta gritaria e completamente imundo. Rodopiou à volta da Glória, que andava por ali na rotina lenta e vagarosa dos preparativos para o jantar, agarrou-se-lhe ao avental e fez da pobre mulher um escudo contra as investidas da Nini. A Nini, de seu nome próprio Maria Inácia, era a mana de oito anos e longas tranças, que corria atrás dele, ameaçadora, com um sapato velho na mão. Tinha o rosto bem corado a rosa-choque, já meio esborratado a lápis preto, que lhe escorria dos olhos à velocidade das lágrimas e ameaçava entrar pelo vermelho intenso da boca, pintalgada por largo como a de um palhaço. O rapazito, nos seus cinco anos bem espevitados, era levado da breca e adorava aperrear a querida Nini, que tinha quase o dobro da idade dele e já andava no terceiro ano. Protegido pela velha empregada que, já se sabe, tinha um fraquinho por ele, o Mané desatou numa demonstração de caretas, cada qual a mais feia e disparatada, só para arreliar a mana. Ainda tentou agarrar-lhe as tranças, mas a Nini, que de tola não tinha nada e conhecia todos os truques do mano, foi mais rápida! Em vez disso, reforçou o ataque de sapato àquele puto idiota, tentando vencer a defesa da Glória. Mas a mulher era um escudo invencível – parecia uma parede... não, uma muralha de carne o osso, bem, mais carne que osso! E como se ela se mexia de braços abertos, como os guarda-redes!

– Na-na-na-na-na! Nini vaidosa! Maria Inácia! Ó Inácia, Inácia! – Zombava o pequeno, divertidíssimo com a indignação crescente da irmã que odiava solenemente ser chamada pelo verdadeiro nome, pois ninguém nesta vida se chama Maria Inácia a não ser ela!

– Um nome antigo e de família... muito bonito! – Costumava dizer a mãe, já sem grande convicção ao tentar em vão consolar a inconsolável Nini. – Além disso é raro... não há mal nenhum nisso, ou há?

É claro que havia, e a mãe só estava a tentar arranjar desculpas para si própria... O nome da trisavó! Onde é que já se viu! E que culpa tinha a garota de semelhante azar da trisavó? Ainda assim a Nini tinha a felicidade de ninguém se lembrar de lhe chamar aquele nome 'ho-rrí-vel', nem na escola se atreviam! Era Nini e pronto: assunto arrumado. Nos testes é que era uma chatice, porque não cabia à Nini assiná-los: só à Maria Inácia! Mas isso também era uma vez por outra, ficava tudo no segredo do papel, sem problemas... em tudo o resto ela até se esquecia que era mesmo Maria Inácia, o que era um alívio! Bem, havia outro caso, uma exceção! Era

quando o pai ou a mãe, às vezes, quando estavam muito zangados e queriam mostrar que era a sério, ralhavam forte e feio à 'Maria Inácia'. A Nini ficava de fora, felizmente, e depois tudo voltava ao normal! Mas o Mané, não... safado, idiota! Irritante ao máximo, com aquela carinha de inocente! Sorte a dele ter um nome mais aceitável... enfim, nada de especial, também... mas mais aceitável...! No final de contas, os pais não tinham mesmo jeitinho nenhum para escolher nomes.

Mas voltando à cena da cozinha! É que naquela roda-viva, e apesar de profundamente 'injurada', a Maria Inácia, ah, desculpem, a Nini não desistia de fingir a Glória, ultrapassar aqueles manípulos no ar, duas tenazes de lagosta a defender o Mané, e acertar com o sapato naquele insuportável. Agora é que ela tinha boas razões para se desferrar!

– Vais apanhar! Ai isso é que vais! Já vais ver quem é a Maria Inácia! Não perdes pela demora, Mané! Espera até que eu conte tudo ao pai e à mãe! Não tinhas o teu triciclo? Logo a minha bicicleta nova – da 'Barbie' e tudo!

– Conta, conta, Maria Inácia! Que eu digo à mãe, digo, digo tudo... tudinho, sabes? Vou dizer que tu pegas nos sapatos dela, que eu sei muito bem... pões-te de tacões! Os sapatos prateados da mãe... aqueles muito altos, guardados na caixa!

– Ai que mentiroso! Só fiz isso uma vez! E a mãe nem usa esses sapatos... diz que são muito altos, só para casamentos e baptizados! Abri a caixa para ver!... Ver não faz mal...

– Ah, ah, mente, mente! Ficas como o Pinóquio, com um nariz de metro e meio! Agora era a vez da Nini devolver uma careta deveras assustadora ao mano impertinente, enquanto desatava numa série de gargalhadas forçadas.

– Dah-ah! – Retorquiu ela em tom de galhofa, fazendo gestos com a mão em frente dos olhos, como que para dizer que o tonto do Mané não via mesmo nada. – ! Ha-ha-ha! Olha que medo! – Continuava a garota. – Ai, a minha cara de preocupada! És mesmo bebé ... o Pinóquio não existe, Mané! Dah-ah! Mané, "hello"! O Pinóquio é uma historinha para miúdos da tua idade e além disso é de pau...

– É nada! Queres saber mais que a Glória? A Glória sabe muito bem o que aconteceu ao Pinóquio!

A Nini encolheu os ombros e continuou a gesticular com os "Da-ah". O Mané não percebia mesmo nada... era escusado... tão esperto e ora vejam lá... no que dava a esperteza! Mas o garoto também não ligava coisa nenhuma à irmã, mais interessado que estava em dar-lhe cabo do juízo, porque ela era mesmo uma chata, com a mania que já era grande!

Mas por muito crescida que quisesse ser, pelo menos diante do irmão, a Nini, que não aceitava ser Maria Inácia, talvez por ser um nome adulto de mais, era apenas

e unicamente uma menina de oito anos que, no segredo das suas fantasias, longe dos olhares curiosos do irmão ‘menor’ e da malícia das amigas da escola, ainda delirava com histórias de príncipes e princesas onde viviam fadas boas e bruxas más! A Gata Borralheira, a Cinderella ... ou a Bela Adormecida...! E a Branca de Neve? Quantas e quantas vezes a Nini se fechava no quarto, em frente ao espelho, para brincar aos teatrinhos e fingir que era a menina pobre, sempre à volta do borralho, maltratada pela madrasta e pelas duas meias-irmãs, mais feias que sei lá o quê! Depois vinha o convite para o baile do palácio, para o príncipe escolher a noiva – ah! Um rapaz lindo de morrer... dos que só andam nas outras escolas... estranho, não? Ou os do canal Disney... E como a menina pobre, que era também a mais bela do mundo inteiro (muito mais que a Miss Universo...) precisava de um vestido para ir ao baile do príncipe, aparecia a boa fada madrinha – que era também a Nini, desta vez a fazer de fada – com a dita varinha de condão (da Barbie) para transformar os farrapos num esplendoroso vestido de princesa: dourado, prateado, cintilante de pedras preciosas... sem esquecer os sapatinhos de cetim ou de cristal – a Nini tinha sempre alguma dificuldade em escolher entre o cetim e o cristal para tão delicados pés de princezinha. Obviamente, a imaginação tem os seus dias e a da Nini tinha sobretudo segundos, pois variava num abrir e fechar de olhos! Ah, a seguir vinha o coche, também dourado, e os criados de libré – que eram ratos transformados... nesta parte, na falta de ratos verdadeiros ou imaginários, porque a imaginação da Nini não era perita em ratos, era até um tanto avessa a eles, sim, na falta dos ditos bichinhos, a Nini servia-se dos peluches espalhados por todos os cantos do quarto, fossem eles cães, gatos, ursos ou até elefantes e golfinhos! Lá criados de libré é que não iam faltar! E a abóbora para o coche? Era fácil: uma almofada grande! Mas a Nini deleitava-se com o gozo indescritível de se arranjar para entrar em cena no teatrinho inventado! Pintar-se toda como uma princesa que vai ao baile do seu príncipe encantado... ia ser a mais linda de todas as outras raparigas, todas princesas, e importantíssimas! Era ela a mais deslumbrante, para quem todos os olhares se voltavam, num misto de admiração e inveja: a princesa inesquecível por quem o príncipe iria apaixonar-se perdidamente para toda a vida! E depois, já se sabe o final da história: casavam e eram felizes para sempre!

Por tudo isto, a Nini escondia-se no quarto de banho dos pais, onde a mãe guardava mil caixas de cores para os olhos e para as faces, outros tantos batons, lápis, bases, pós... tinha de ficar lindíssima e, seguramente, uns anos mais velha, pois quem iria prestar atenção a uma miúda de oito anos? Soltava as tranças em frente ao espelho e os longos caracóis acobreados acompanhavam leves passos de dança... e era na fantasia pueril de um desejo por nascer que na criança se esculpam todos os

gestos daquele ritual colorido, transformando-os no gozo antecipado de conquistar o seu príncipe imaginário que, no palácio inventado atrás do espelho, já estava à sua espera, escolhendo-a a ela entre montes de outras rivais de coração destrozado! De volta ao seu quarto, na ilusão que o fascínio das tintas lhe emprestava, Nini recortava dos livros de fadas e princesas as personagens que mais a encantavam e, uma por uma, começava o árduo trabalho de as ressuscitar...

Mas o Mané não entendia nada, nem devia saber de nada – absolutamente nada! Havia de ser lindo, ele contar tudo àquele bando de anormais que eram os seus amigos! Inferninhos! A Nini nem queria pensar no que eles iriam fazer se soubessem do seu segredo...! Mas o Mané não desistia mesmo:

– E eu digo que tu te metes no quarto de banho para te pintares toda... mexes nas caixinhas e nos lápis de cor da mãe e pintas-te toda... pões-te ao espelho com os olhos pintados! É, é, escondes-te no quarto de banho e pintas-te toda... pareces uma palhaça! Inácia-palhaça, Inácia-palhaça! He-he-he...

Nesse momento a Nini teve um ataque de fúria e desatou aos gritos, numa choradeira só:

– Parvo! Atreve-te a dizer uma coisa dessas, seu detestável! Ó mãe! Mãe! MÃE!

Mas não havia rasto da mãe... “MÃE! MÃE!”, gritava a Nini já sem lágrimas nos olhos, porque ninguém parecia ouvi-la. Pensando bem, era melhor que a mãe não a visse naquela figureta... com pastas de tinta na cara! Os dois irmãos entreolharam-se meio intrigados. Onde é que estaria a mãe? Àquela hora, ao fim da tarde, ela costumava andar por ali com a Glória a organizar as coisas para o dia seguinte... mas nem rasto da mãe... que estranho!

- Teve de sair com o papá! Foram lá abaixo a Caminha tratar de uns papéis! – Explicou a Glória. – Mas não tardam aí, e então eu quero ver o que vos vai acontecer, seus pestinhas!

Mas àquela hora, a mãe bem podia estar onde quisesse, como lhe apetecesse, que a cozinha era o palco mais importante da casa! A alta confusão ainda não acabara nem dava sinais de acabar tão cedo! Em vão, a Glória tentava impor a ordem, separando os dois garotos “com o diabo no corpo, santo Deus!”, quando a situação piorou ainda mais ao entrar em cena um patinho amarelo a esvoaçar por todos os cantos e a grasnar como um doido. Atrás dele, ainda mais atolambado, vinha um canzarrão amarelado de boca aberta e língua de fora, talvez um parente afastado e bem rafeiro dos Serra-da-Estrela! O Mané continuava agarrado às saias da Glória, a Nini não largava o sapato para bater no Mané, e a Glória, de braços esticados, lá conseguia equilibrar-se entre os dois diabretes para não se estatelar no meio da

tijoleira da cozinha. Como se isso não bastasse, havia já coisas a voar dos balcões para fora, pois o pato não via por onde ia, na ânsia de escapar a todo o custo à boca do cão. É claro que o pato não sabia que o cão não ia nunca fazer-lhe mal, mas só queria pregar um susto de morte àquele intrometido, que agora se lembrara de seguir o Mané por todo lado e até se metia a andar de triciclo com o pequeno. O Leão – era esse o nome do cão – havia de gravar bem na cabeça oca do pato, para que ele não se esquecesse nunca mais, que o Mané era o seu melhor amigo e que não era suposto os patos serem os melhores amigos do homem... bem, da criança, está-se mesmo a ver...! Ciumeira de cão é do pior!

– Mas, afinal, o que vem a ser isto? O que é que aconteceu, meninos? – Ouvira-se finalmente a voz da Glória dos confins da algazarra. – Pais fora é no que dá! Não há respeito nenhum!

A pobre da mulher lá conseguira a custo apelar os ânimos dos dois galos que, entretanto, se haviam distraído da briga para seguirem com toda a atenção, e meio alarmados, a perseguição do pato pelo cão. Este postava-se agora de patas dianteiras num dos balcões da cozinha, tentando chegar ao pato, que se escondera atrás do galo de Barcelos.

– Ai que lá vai o meu rico galo! Sai daí, pato mexeriqueiro! Mas que raio de pato... olha que o galo não é para brincadeiras! Não é para o teu bico! Rua! E tu, Leão, rua daqui! Só me faltava agora aturar o jardim zoológico aqui na cozinha! De caminho isto vira infantário de patos e manicómio de cães!

– Ó Glória, és mesmo má! Coitadinhos dos animais! Também precisam de cuidados!

– Cuidados, Nini? Trabalhos, é o que isto é! Vá, toca a mexer! Quero tudo no chuveiro, já, e de roupa lavada! Leve o mano, vamos, que eu já lá vou para arranjar as roupas! Onde é que já se viu esta imundice! Depressa, antes que cheguem os pais!

– Limonada, Glória! Anda lá, uma limonadazinha gelada, Glória, não sejas tihosa!

O Mané abriu a porta do frigorífico e nem se deu ao cuidado de esperar pela Glória, qual quê: ele sabia que àquela hora, em dias de calor, a velha empregada tinha sempre limonada fresca num jarro dentro do frigorífico. Mas o que nem ela nem a mãe suportavam era umas mãozinhas sujas a percorrer tudo o que lá havia para comer: aqueles sonhos em calda do tamanho de bolas de ténis, que eram a especialidade da Glória, os rissóis de carne, os folhadinhos de queijo, o bolo de laranja, a mousse de chocolate, gelatina às cores... Ah, não! E os dois pequenos larápios de frigorífico, muito pouco higiénicos, bem sabiam o que lhes acontecia... mas a uma hora daquelas, naquele mesmo lugar, a história era outra... o problema da sapatada nas mãos já era...

É que a Glória não via mais nada nem tinha mãos para nada a não ser... a desgraçada só teve tempo de salvar daquele pato desajeitado o galo de barro garrido que um dia trouxera da feira de Barcelos para oferecer à patroa. “Traz sorte, menina!” explicou ela à mãe dos garotos, enquanto se afanava a lavar o galo na banca para depois o colocar num sítio bem visível! E assim, quando parecia ter chegado a hora do galo virar um monte de cacós, eis que surge a mão providencial da sua mais zelosa defensora e guardiã: “Ah, mesmo a tempo! Salvei-te por pouco, seu galarote!” exclamou o anjo-da-guarda chamado Glória, soltando um longo suspiro de alívio. E enquanto se benzia com uma mão, a direita, com a esquerda a Glória enxotava o pato, como quem enxota o diabo. “Vai de retro, vai de retro, mafarrico!” repetia a mulher, “mais um bocadinho e lá ia também o Sto. António, benza-o Deus! Ah, mas esse está lá bem no alto, para ninguém lhe chegar... senão já estava escacado há que séculos!

Privado do seu esconderijo atrás do galo de Barcelos e sem poder chegar à protecção de Sto. António, também de barro pintado, com uma carinha bem saudável mas de ar um tanto infeliz, o pato não pensou duas vezes para se empoleirar em cima do micro-ondas. O cão também não perdeu tempo nenhum e seguiu-o de imediato, desta vez às patadas contra a porta do forno. A Glória não teve meias medidas. Sabia muito bem de que é que o Leão tinha muito medo, aí se não sabia. Bastava-lhe dizer que o patrão estava aí a chegar e ameaçá-lo no focinho com um pedaço de jornal enrolado, para o cão desarvorar dali para fora, metido em respeito! Por que é que não se lembrara disso antes? A sua cabeça já não era a mesma... também, tanta atrapalhação... era demais, era demais! Sem o pai nem a mãe a impor disciplina, os dois salafrários pintavam a manta! E tudo por causa do pato... mas logo havia de lembrar ao Manezinho de pegar na bicicleta da Nini e enfiar o pato no cesto!

Eis como tudo aconteceu. A Nini, que a essa hora estava entretidíssima a pintar-se toda para ‘subir ao palco’, com risco preto, sombra turquesa, *baton e rouge* (como dizia a Glória), apercebeu-se do que se passava através janela do quarto de banho dos pais, tal era a balbúrdia do Mané, do pato e do cão, lá fora no pátio da cozinha! É evidente que a pequena não queria ser incomodada, muito menos descoberta... o teatrinho e, ainda mais, as pinturas, eram segredo, porque se a mãe soubesse, ela tinha de se haver com uma deprecada daquelas, para já não falar do sermão do pai cheio de ideias sobre a natureza, a ecologia e as regras de saúde infantil! A mãe era igual: as pinturas diárias eram um contra-senso, completamente anti-naturais, desaconselhadíssimas para crianças! A filha não fazia a menor ideia porque é que ela tinha aquela tralha toda para se pintar se nunca punha nada na cara, ao contrário de algumas mães das suas amigas que se arranjavam todas, punham roupas fixas e pintavam-se! A mãe era até tão bonita... mas não ligava nenhuma a

essas coisas – dizia que era por viver numa quinta, no meio do campo, e não na cidade!

Mesmo assim... a Nini não estava nada de acordo e, quando crescesse, haviam de ver... havia de ser como a tia Milucha, a irmã mais nova da mãe, toda da cidade e loiríssima, já mais nórdica do que sei lá o quê, sempre muito *fashion*, que estava agora a estudar em Inglaterra num curso qualquer. A Nini não sabia ao certo o que era... estilista ou qualquer coisa parecida, muito *cool*, só podia ser!

Mas estes pensamentos da pequena sobre a beleza ecológica e a beleza artificial dos químicos depressa se desvaneceram perante o atentado à sua linda bicicleta nova. É claro que a Nini não gostou nada do que viu e, sem hesitar um segundo, voou toda pintada – diga-se, literalmente borratada – do quarto de banho para fora em direcção à cena do acidente! Porque – enfim – o pato não tinha sido lá muito limpo e quem pagou as favas foi a bicicleta cor-de-rosa da Nini – da ‘Barbie’! Ainda por cima cheirava mal, a porcaria de pato... só podiam ser coisas do Mané! Que pegasse no triciclo dele, ora pois! Ainda por cima caiu, como não podia deixar de ser, porque não chegava aos pedais e... catrapuz...! Bem feito! E o cão? Bem, esse... encheu-se de ciúmes ao ver o menino Mané, o dono predilecto, a brincar com o pato e a nem sequer o chamar! A Nini até podia imaginar o que é que o pobre do cachorro estaria a pensar lá bem dentro do seu cérebro de animal irracional. Que aquilo era demais para um cão fiel como ele! Velho na casa, amigo de longa data... punha em respeito todos os cães e gatos das redondezas! Não, ele não era de todo um cão qualquer... era o Leão, o rei da herdade, assim como o leão era o rei da selva! Não era à toa que lhe tinham dado o nome de Leão, ai isso é que não era! Até que a Nini se deu conta das evidências algo esquisitas do que acabara de pensar pela cabeça do cão! Bem, animal irracional... a pensar... não fazia lá muito sentido, pois a Nini aprendera na escola que os outros animais, que não o homem, eram todos irracionais. Ora, se eram irracionais não pensavam... então, o Leão não pensara em nada daquilo! E foi então que, da sensatez e seriedade dos seus oito anos, a criança deu por si a interrogar-se sobre a justeza ou não do seu próprio raciocínio, até que chegou à única conclusão razoável! Fosse como fosse, irracional ou não, isso para o caso não interessava nada: o Leão, se é que ‘pensava’ em alguma coisa, ‘pensava’ à sua maneira, à maneira dos cães e pronto! Ficava tudo resolvido! Bem, pelo menos, já que era cão e tinha cabecinha podia usá-la numa coisa qualquer parecida com ‘pensar’... ora, mas o que é que isso interessava? Era já pensamento a mais para um cão e perguntas deveras inúteis para a mente ocupadíssima da Nini que, naquele momento, só queria era salvar a sua bicicleta. Mas ainda assim, assoberbada pelos problemas e responsabilidades da sua vida real (e não com fantasias patetas, como o Mané) a Nini

pôde concluir com pertinência que o Leão era mesmo um grande ciumento! E isso é que era verdade! E para se ter ciúmes não é preciso pensar...

II. O Peninha

Chamava-se Peninha o pato amarelo que numa tarde de Primavera invadira a cozinha para fugir ao canzarrão chamado Leão, depois de ter feito uma grande asneira na linda bicicleta da Nini. O Peninha vivia com a sua numerosa família de patos na Herdade da Magnólia, propriedade da família Santiago, conhecida nas redondezas pela antiga casa de granito com janelas brancas em guilhotina, pelos muros recobertos de glicínias e pelas hortênsias azuis junto ao portão de ferro. Apenas um breve esclarecimento sobre as pessoas que habitavam a herdade. O pai das duas crianças que ainda há pouco encontrámos em grande algazarra, a Maria Inácia (Nini) e o Manuel (Mané), era o veterinário Jorge Santiago, casado com Maria Leonor, a mãe dos pequenos, Lia para os familiares e amigos mais próximos. Tinham ido a Caminha tratar de uns documentos e, para grande sorte dos filhos, quando finalmente chegaram a casa, já tudo tinha voltado à normalidade, na maior paz e sossego, pelo que ninguém adivinharia o tsunami que passara pela cozinha. É claro que a Glória nem por sombras tocou no assunto aos patrões, tão amiga era dos seus anjinhos endiabrados; por sua vez, estes portaram-se como verdadeiros exemplos, todos asseados e boas maneiras, tanto que mereceram os mais calorosos elogios dos pais.

Glória, que andava pelos seus sessenta e muitos, tinha ficado viúva há muito tempo, muito nova, quando o marido morrera em África, na guerra do Ultramar, deixando-a sozinha com uma única filha para criar. Nesse tempo, estava-se em finais dos anos sessenta, Glória era empregada a dias na herdade, ao serviço dos pais de Jorge, o Engenheiro Santiago e a D. Maria Emília que, depois dos filhos casados, viriam a mudar-se para uma casa mais pequena e de um só piso em Cerveira, mesmo junto ao rio, ficando o casarão e quintais para o filho veterinário. Mas voltando ao caso da Glória, em face da tragédia que se abatera sobre aquela mulher tão jovem e sem nenhum outro rendimento nem amparo, os patrões albergaram-na como interna, tomando inteiramente a seu cargo a educação da menina órfã, a Paula, incluindo os estudos universitários. Filha ajuizada e aluna sempre aplicada, a Paula tirou facilmente o curso superior de gestão e logo mais, com alguns pozinhos de influência da família Santiago, conseguiu um emprego de confortável remuneração em Lisboa. Casou por lá e por lá ficou, não sem se lamuriar eternamente aos ouvidos atentos e piedosos da mãe, ao telefone, de que não tinha tempo para nada, que tinha uma vida muito

ocupada e cheia de stress, da casa para o trabalho, do trabalho para casa, o que a impedia de vir ao Norte tanto quanto ela gostaria. É claro que a Glória dizia que compreendia... lá se lamuriava outro tanto ao telefone, de lágrima em sentinela ao canto do olho, pronta a desfilhar cara abaixo de saudades pelos netinhos que raramente via... entretanto, e pela centésima milionésima quarta vez, desbobinava à filha o rol completo das desventuras do dia-a-dia, do reumático e das artroses e das incontornáveis coscuvilhices da vizinhança, daquelas más-línguas desocupadas, que fossem trabalhar, tinam muito bom corpo... tudo coisas que a Paulinha já nem ouvia, aquela ingrata, doutora em Lisboa, toda cheia de pressa a dar beijinhos e abraços de despedida à mãe e a pousar o telefone, repetindo as mesmas promessas de sempre, que viria ao Norte em breve, os filhotes estão com imensas saudades da avó e a precisar de ares do campo. Mais lágrimas, mais queixas, o nariz a fungar... e lá pousava a Glória o auscultador, num sorriso em que a saudade se deixava afagar pela fugaz presença de uma voz distante. Viúva e, dir-se-ia, quase 'órfã' de filha e de netos, Glória afeiçãoara-se em absoluto à família que, por assim dizer, a adoptara, na época mais infeliz e difícil da sua vida, nutrindo um carinho especial pelo menino Jorge, o mais novinho, que sempre a tratara como uma segunda mãe. Essa era a razão que levava a velha empregada a ficar na herdade para tomar conta dos meninos do seu Jorginho: era como se fossem seus netos, já que os verdadeiros estavam sempre tão longe e mal se lembravam dela!

Mas deixemos por uns momentos a família Santiago e falemos do nosso Peninha, que também tem uma fascinante história para contar.

Disse-vos que o Peninha tinha uma grande família. É verdade. À excepção dos patos adultos que eram brancos ou castanhos malhados, os patinhos mais novos eram todos amarelos com o bico cor-de-laranja, e era vê-los, logo de manhã cedo, a correr atrás da mãe pata pelo terreiro da herdade até ao lago dos caniços para nadar e brincar na água. A mãe pata bem lhes dizia que era preciso lavarem-se, que nadar e brincar ficava para depois! Mas eram palavras ao vento que nenhum dos pequenotes ouvia:

– Ah, seus marotos, esperem que eu vos apanhe! Ó Peninha, parece impossível! Tu que és o maior de todos, és o pior...! Devias dar bom exemplo! – Ralhava a mãe muito irritada com a sujidade perene daqueles descarados. Mas o Peninha nadava a toda a velocidade e mergulhava ainda mais rápido para fugir à descompostura da mãe pata! Os outros patos seguiam o exemplo do Peninha e lá iam todos enfileirados e barulhentos brincar ao jogo das escondidas entre os canaviais e os nenúfares que boiavam na água. Era uma grande euforia! Nenhum deles se cansava de nadar nem de mergulhar, todos na maior estridência, de tão contentes que

estavam! A mãe pata olhava-os de longe e sorria já mais calma, ao ver aquela nuvem de penugem amarela a flutuar sobre o espelho azul das águas. Depois, por breves instantes, a nuvem dispersava quando os patinhos amarelos regressavam a terra e se punham a correr pela borda do lago, sobre a erva molhada, ao sol daquelas manhãs de Maio. Não havia felicidade como aquela! Mas passado uns instantes, cansados de patanhar em terra firme e muito desajeitados, os patos só queriam era mergulhar de novo na água, mais frenéticos que nunca! Havia alturas em que a pata até desistia dos ralhos e nadava calmamente por perto, só para se certificar que tudo estava bem com aqueles criançolas, não fosse algum atrapalhar-se por entre os caniços, e isso é que era grave!

– Bem, – pensava ela – lá molhados, e bem molhados, é que eles ficam! Com tanta água... Agora lavados... é outra coisa! Mas o que é que se há-de fazer? O que importa é que nada de mal lhes aconteça e que brinquem sem se magoar!

III. A Herdade da Magnólia



A Herdade da Magnólia, que devia o nome a uma velha e frondosa magnólia cor-de-rosa junto à casa em granito maciço, ficava um pouco afastada da povoação de Lindalva,¹ numa encosta sobranceira ao Rio Minho, não muito distante de Caminha. Do outro lado, na margem norte do rio, ficava Espanha, o monte de Santa Tecla ao fundo, junto ao mar, e até dava a sensação de se poder caminhar até lá pela maré vaza. Mas nem era preciso isso: qualquer barquito ia e vinha facilmente de uma margem à outra. Só que às vezes as coisas não eram assim tão simples, porque as ditas embarcações não iam apenas deambular por terras espanholas, mas transportavam contrabando! Em certas ocasiões, porém, o velho esquema ia todo por água abaixo, pois a polícia fazia uma daquelas rusgas! O mais curioso é que, por mais segredo que se fizesse nas redondezas sobre o que tinha acontecido, de como os ‘fulanos’ tinham sido apanhados, etc., etc., o certo é que toda a gente ficava logo a saber a história completa. Nos maiores e mais pequenos detalhes, na autoria conjunta de muitos anónimos, em cada qual acrescentava um ponto, a história real esbatia-se e tornava-se absolutamente desinteressante e sem sentido face ao fascínio da ficção. Como não podia deixar de ser, Glória era exímia nestes assuntos e as suas histórias tinham sempre uma lição de moral a transmitir, normalmente patrocinada por um santo ou santa da sua devoção: o que melhor se fizesse às circunstâncias. Por exemplo, em dias de trovoadas e tempestades, a ajuda devia-se a Santa Bárbara. Quando havia riscos elevados, aí era Santa Rita, padroeira dos casos perdidos e impossíveis. Para coisas perdidas que depois tinham sido achadas, a intervenção era obviamente de Stº António, o do “responso”. Em caso de dúvida – ou seja, quando Glória hesitava, sem saber ao certo a que santo recorrer, pois a especialidade não era bem definida – a responsabilidade do milagre recaía sempre na Virgem Maria, uma Nossa Senhora qualquer, não importava – Nª Srª. de Fátima, dos Remédios, da Agonia, do Perpétuo Socorro, era igual, porque Glória não era esquisita nessa matéria!

– És um croco, Glória! – Brincava a Nini, imitando a querida tia Milucha, quando ela os visitava na herdade, o que acontecia muito raramente, escusado será dizer. É preciso também não esquecer que, no escrutínio da Glória, a ajuda sobrenatural, sempre zelosa do bem e defensora da lei e da ordem pública, ficava quase invariavelmente do lado das forças policiais. Mas o ‘quase’ é importante, porque havia outras ocasiões também, raras é certo, em que, vá-se lá saber porquê, os

¹ À semelhança de todos os factos aqui narrados e personagens intervenientes, o nome da povoação é inteiramente fictício.

santos pareciam bandear-se para o lado do 'inimigo', deixando escapar os bandidos como que por milagre! E, nestes casos, embora algo contrafeita, Glória não tinha como não aceitar os desígnios divinos!

Mas prossigamos. Como já vos disse, o pai das crianças era veterinário e tinha adaptado um velho estábulo para fazer uma espécie de clínica onde tratava os animais doentes das redondezas: bois e vacas, cavalos, burros, cães e gatos, coelhos, galinhas, patos, perus, periquitos, canários e até *hamsters* de estimação. Jorge contava igualmente com a ajuda, embora temporária, de um estudante de veterinária, Pedro, que ali estava num tipo estágio de prática clínica. Por seu turno, Leonor ajudava na contabilidade da clínica, pois era contabilista de formação, um tanto contrafeita, diga-se, pois o seu maior gosto era tratar de plantas, em especial do lindo roseiral junto à entrada principal da casa. Para além da azáfama diária da clínica, a rotina da casa era bastante calma e normalmente era Glória que, a despeito da idade, dava conta do recado na cozinha e nas roupas, ficando o grosso das limpezas para uma empregada a dias que vinha à herdade regularmente. Havia também o jornaleiro, o Sr. Joaquim, para tratar da horta e do pomar mas que também dava um jeito no jardim. Falta apenas dizer que, todos os dias durante o período de aulas, Leonor conduzia a velha carrinha vermelha até Caminha para levar a Nini à escola e o Mané ao infantário.

– Para o ano vais para a escola, Mané! Vais para a primária! Ai não, que não vais! – Ameaçava a irmã quando chegava da escola, cheia de trabalhos de casa – E depois vês o que é trabalhar, seu preguiçoso!

– Não sou nada! Preguiçosa és tu, Nini – só queres dormir! Eu acordo sempre cedo e levanto-me logo... muito mais cedo que tu!

– Ha, ha, que gracinha! O que tu queres é brincar! Diz lá, o que é que tu fazes na tua escolinha? Brincas ...! Não sabes o que é estar no terceiro ano! A escola não é brincadeira!

– Tá bem, mas eu ainda sou pequenino...

– Bebé... pois és... desculpa, já me esquecia... na minha idade... sim, porque é bom que saibas que eu já ando no terceiro ano e vou passar para o quarto! Não é qualquer coisa, Mané! E depois já vou ser do quarto ano! Quando fores para o primeiro eu estou no quarto ano, imagina só!

E por segundos, a pequena deu consigo a reflectir sobre a importância das palavras que acabara de dizer ao irmão. Era um momento solene! Quarto ano... depois quinto... aquilo sim, não era brincadeira nenhuma! O Mané olhou com reverência para a mana grande, de oito anos e tranças cor de cobre, no seu lindo vestido branco com cerejas bordadas. Pois é, o que ela dizia era mesmo verdade! Ele

ia entrar para o primeiro ano e ela já ia sair daquela escola para entrar noutra só com grandes! E de repente, para o Mané, o primeiro ano da escola, as letras, as contas, os deveres de casa, a imensa responsabilidade de estar na escola primária, parecia não valer nada. O quarto ano é que sim! E o quinto, nem se fala! O menino sentiu-se ainda mais pequenino... tão pequenino que até parecia a cada momento estar prestes a desaparecer no ar. Lembrou-se dos desenhos animados em que isso estava sempre a acontecer, mas depois aparecia sempre alguém para salvar os bonecos em perigo. Era isso: as três meninas voadoras e mágicas, com grandes olhos a abrir e a fechar, que o Mané não sabia muito bem o nome porque era muito difícil e em inglês! Os *Pokemóns*! Não, os *Bey Blades*, os piões mágicos que entravam nos torneios em grandes arenas, como estádios de futebol! Ao lembrar-se de todas as façanhas destes heróis, o Mané lançou um sorriso aberto para a Nini que o olhava desconfiada, sem saber muito bem o que se passava naquela cabecinha parva de cinco anos! Mas o reguila de cabelos espetados e ar malandro não se deixou ficar e retorquiu:

– Velhota! Cota! É o que tu és, Nini!

– Bebé!

– Cota!

– Fala, fala! Piolho!

O Mané correu atrás dela para lhe puxar de novo as tranças, mas a Nini esgueirou-se mais depressa pelo corredor fora.

– Não me apanhas! Na-na na-na-na! – Cantarolou ela, dando meia volta ao jeito do “vira” minhoto.

O rapazito choramingava agora, fazendo beicinho:

– Má! Nini, má! – Repetia ele, ressentido. A pequena agarrara numas cordas que guardava no bolso do vestido e pusera-se aos saltos no meio do corredor:

– Não me apanhas, caracol! – Continuava ela em tom provocador, prossequindo a dança do “vira”.

– Má! Mas um dia eu cresço e fico maior do que tu! Vais ver! Vou correr mais que tu! – Ameaçava o Mané lavado em lágrimas, que lhe congestionavam os grandes olhos cor de avelã.

– No dia de S. Nunca! – Zombou a Nini numa pirraça. – Não vês que sou mais velha? E os mais velhos são sempre maiores! – Concluiu ela achando-se muito astuta nos seus argumentos.

– Mas a avó é mais velha e o pai é maior! –Retorquiu o Mané, muito surpreendido por conseguir contradizer a mana que tinha sempre razão.

– Ah, pois! Mas isso não conta, porque as avós são sempre mais pequeninas! Se fossem grandes já não eram avós!

Eram para aí tias ou primas, pensou o Mané, que ficou sem resposta: a Nini estava certa mais uma vez. Resolveu não continuar com aquela conversa porque sabia que ficava a perder.

– Vês como tenho razão, he? – Os olhos escuros da Nini brilhavam por entre o riso maroto de quem ganhara a partida. Mas afinal o Mané resolveu continuar, só que mudando de conversa:

– Estou para aqui sempre sozinho e tu nem queres brincar comigo!

A Nini estava a arrelia-lo de propósito, ele sabia, mas depois tudo passava e a verdade que ela sempre repartia com ele as guloseimas que trazia das festinhas de aniversário das amigas. Mas desta vez, a mana não estava muito disposta a ceder. Não era muito do seu feitio ser boazinha! O grande mistério em tudo aquilo é que mesmo assim chata e má, pensava o Mané, as amigas adoravam-na! E a professora da escola dizia que a Nini era uma menina muito bem-educada, muito amiga das colegas, sempre pronta a ajudar e nunca faltava com os trabalhos de casa.

– Um exemplo de menina e de aluna! – Repetia a mãe babada quando chegava a casa depois de uma reunião de pais na escola. – Parabéns, minha filha. Dá o exemplo ao teu irmão, ouviste Manezinho?

O Manezinho dizia que sim com a cabeça e olhava para a Nini que, por detrás da mãe, lhe arregalava os olhos em ar zombeteiro. Ah, ela havia de ver quando ele convidasse os seus amigos todos lá para casa! Haviam de lhe pregar cá umas partidas...a Nini odiava sapos... e aranhas... ah! Que ideia luminosa o Mané acabara de ter!

A menina exemplar arremessara agora as cordas para um canto e pusera-se a andar ao pé-coxinho para lá e para cá no corredor. Tinha o rosto afogueado e transpirava felicidade por todos os poros com aquela actividade toda. Ainda não parara um instante desde que a alta discussão com o mano 'menor' tinha começado:

– Atrás dos patos! Até metes o Peninha no triciclo... e na minha bicicleta! Ah, isso é que não! E chamas a isso brincar?

– Pronto, pronto, nunca mais mexi na tua bicicleta! Mas o Peninha é meu amigo e gosta muito de andar de triciclo! Não percebes nada, mesmo! Eu e o Peninha fazemos ralís! Não percebes nada de corridas!

– Corridas? De triciclo? E de bicicleta? Por acaso sabes andar de bicicleta? Corridas de bicicleta, Mané? Nem sequer chegas aos pedais, quanto mais andar em duas rodas! Queria ver!

– Mas ando de triciclo melhor que tu!

– Olha a grande novidade, meu totó! Quem é que quer saber de andar de triciclo? Três rodinhas... Ai que riso!

O Mané baixou os olhos e fez uma vez mais beicinho, reprimindo um grande soluço:

– Sou pequenino... e o Peninha adora... fazemos grandes ralís no pátio! O Tó até disse que eu era um grande corredor de ralís de triciclo!

– “Sou pequenino...” – repetiu a Nini procurando imitar a voz do irmão. – O Tó... tó-tó! O Tó disse isso só para te pôr contente, entendes? O Tó é grande e até já tem carro... ele é que corre nos ralís! Fica com o carro cheio de lama e estampa-se todo, às vezes... a mãe diz que é muito perigoso! Mas é muito fixe!

– Pois é! E ele é que sabe que eu sou um grande corredor... de triciclo!

– De triciclo... grande coisa! Olha o disparate!

O Tó era o ‘tio’ Tó, o irmão mais novo da mãe e gêmeo da Milucha, que andava a estudar engenharia na faculdade, e tinha um carro velho todo ‘artilhado’ para competir nos “ralis-paper” organizados pela associação de estudantes. Mas para as crianças o tio Tó era apenas o Tó, tão criançaola quanto eles quando os visitava na herdade durante os fins-de-semana em que não ficava a estudar “ou a sair com os amigos”, comentava a mãe a rir. O Tó delirava com todo aquele espaço da quinta, com a vida ao ar livre e com a variedade de animais que lá acorriam todos os dias para serem tratados. Quando não estava a falar ao telemóvel – “aquelas conversas chatas, sem fim...”, pensavam os sobrinhos, “com a namorada...”, acrescentava a Nini maliciosa – pegava numa bicicleta velha e acompanhava a Nini num passeio; até se dava ao trabalho de se contorcer todo para andar no triciclo do Manezinho. Tinha sido dele a ideia de passear o pato no cestinho do triciclo.

– É o teu navegador no ralí, Mané! Para te indicar o caminho! – Explicou o rapaz, perante o olhar inquiridor do pequeno, levado pela curiosidade própria da idade. O Mané achou a ideia “um espectáculo!” e desde então passou a ‘contratar’ o Peninha para ser o seu ‘navegador’ oficial nos ralís de triciclo.

– O Tó vai-me ensinar a andar de bicicleta!

– Pois, pois...

– E vai! Vai mesmo! E depois já faço ralís de bicicleta e ponho o Peninha a andar comigo no cesto!

– E... pode saber-se... que bicicleta? Na minha é que não andas! É da ‘Barbie’, cor-de-rosa... e tem um cestinho para as minhas bonecas – não para o Peninha... Já fizeste asneira daquela vez, Mané! Não fazes outra, não, que eu não deixo! Nem o Leão! Come o pato numa dentada!

– Tá calada, Nini! Não come nada, o Leão não gosta de pato! Mas também não preciso da tua bicicleta para nada! O pai vai-me comprar uma nova – de corrida! Muito

melhor do que a tua, vais ver! Daquelas de corrida – mas... com cesto... para o Peninha!

IV. “Foxy”



A Nini já nem o ouvia. Tinha parado com a parafernália dos pulos no corredor e, por instantes, deixara-se cair estafada sobre a poltrona de braços junto à janela que dava para as traseiras da casa. Um pouco mais recuada encontrava-se a clínica veterinária do pai. Mas a fadiga da Nini fora obra de segundos, pois aquele diabrete parecia de novo ligado à corrente eléctrica. Ergueu-se da cadeira de um choque, pôs-se em cima do assento e, abrindo a janela de para em par, debruçou-se alvoroçada sobre o parapeito para ver o que se passava lá fora. Sim, passava-se qualquer coisa! Isso era mais que certo – só a barulheira que faziam! A Nini não tinha dúvidas nenhuma e só queria tirar tudo a limpo. Por sua vez, o Mané esquecera toda a conversa da bicicleta e dos ralís com o pato, tentando tudo por tudo para subir para a cadeira onde a irmã se empoleirara, intrigado com o que estaria a passar-se, que tanto despertara a atenção dela.

– Deixa-me ver, Nini! Chega-te para lá! – Pedia o rapazinho com ar suplicante, mas sem grande êxito. A Nini era maior e por isso achava-se com mais direitos: já tinha oito anos e andava na escola.

Mas nem a Nini conseguia perceber muito bem o que estava a passar-se lá em baixo, tal era a agitação e o burburinho. Era a Glória a bradar alto para correr com o Leão, que parecia ainda mais hirsuto, com o pêlo do lombo todo eriçado, e muitíssimo mais rafeiro, a avaliar pelo chinfrim de latidos que fazia. O cão não queria obedecer de jeito nenhum e a Glória ameaçava-o de pau em riste! É claro que a mulher não lhe batia – só fazia de conta – e o cão percebia logo que não era para levar a sério. Por isso não parava de rondar por ali, meio esquizóide a farejar tudo e todos, pelos cantos do chão e do ar: um verdadeiro estorvo! Depois, era a mãe a barafustar com a Glória, que não tirava o cão dali!

– Prende-o na casota, Glória! Parece impossível, esse cão está possesso!

– Se ele me ouvisse, menina... era bom! Não tem respeito nenhum! Nem de pau ele vai! O traste só ouve o dono! Já se sabe...

Assim resmungava Glória que, já sabemos, não ia para nova e já não tinha paciência para turbulências, fora da rotina dos dias. E era o pai com o “enfermeiro” Pedro da clínica, mais o sr. Joaquim, às voltas com um caixote de papelão! O “enfermeiro”, como lhe chamavam as crianças, já devem ter percebido, era o estudante de veterinária que vinha de tempos a tempos fazer um estágio na clínica.

– Vamos lá a ver o que se pode fazer... Céus, como é possível uma coisa destas? – Repetia o veterinário visivelmente preocupado ao examinar o que estava dentro. – É melhor no consultório! Isto não me agrada nada! Vamos lá, rápido!

– Veja, Jorge, a ferida é muito profunda... – Comentou o estudante com ar grave. Era óbvio que não se sentia muito à-vontade com a situação. Afligia-o a simples visão do sangue! Mas tinha de ter coragem, senão de que é que lhe adiantava tirar o curso? Diziam-lhe que isso era uma questão de tempo e de hábito. Jorge, esse, sim, era experiente e já tinha visto muitos cães em situações parecidas, apanhados por balas perdidas nas caçadas. A diferença é que a maior parte dos donos não os abandonava. Pelo contrário, os caçadores costumavam tratar muito bem os seus cães e quando uma fatalidade daquelas acontecia, logo tratavam de os socorrer. Mas abandonar daquela maneira o desgraçado, ferido de morte... não, não se fazia!

– É preciso agir imediatamente ou perdemo-lo! Está a esvair-se em sangue e já nem dá de si! Precisamos de reanimá-lo! Rápido!

– É uma cadelinha, sr. doutor! – Advertiu o jornaleiro que tinha sido quem encontrara o caixote abandonado do lado de fora dos portões da herdade e, apercebendo-se da gravidade da situação, o trouxera de imediato para dentro. – Eu

bem disse que ouvi tiros... caçadores que andam por aí com os cães, fora de época, às perdizes e às lebres! Só que às vezes quem apanha é o cão! – Continuou o sr. Joaquim.

– Fale baixo, homem, que eu não quero assustar as crianças! Já ninguém as cala lá em cima! – Advertiu Jorge, torcendo o nariz ao estado grave da cadela. – Vamos, não há tempo a perder! Depressa, receio que não tenhamos tempo! Chega de conversas que não levam a lado nenhum!

Mas as crianças ouviram bem estas palavras. A voz do pai não enganava: aquilo era uma emergência e qualquer coisa de muito sério se passava para o pai estar tão aflito.

– É uma cadelinha ferida, Mané! Coitadinha...

– Coitadinha! Mas não vai morrer, pois não, Nini? O pai vai tratar dela...

– Claro! Não sejas parvo, Mané! É claro que o pai vai salvá-la! Que ideia!

- E depois podemos ficar com ela? Está sozinha... não tem ninguém!

– Podemos! Claro que sim... ela não tem donos! Mas olha! Lá vão eles para dentro com o caixote! Que coisa... ninguém nos diz nada! Somos assim tratados como criancinhas e eu não sou criancinha nenhuma... só tu, Mané!

Mas o irmão não lhe deu grande importância, nem se preocupou em retorquir nem choramingar: limitou-se a dar à Nini uma valente calcadela e a saltar de imediato da cadeira abaixo, não fosse a mana dar-lhe outra mais forte. Mas nada disso aconteceu. A Nini tinha agora a poltrona e a janela toda por sua conta e estava com mil olhos para o que acontecia lá em baixo. O Mané tentava agora recuperar o seu lugar na tribuna de honra para o pátio sem nada conseguir. Por fim, foi a Nini quem o puxou para cima, com pena...

Os três homens tinham-se apressado para dentro da clínica levando consigo o caixote de cartão com o animal ferido. A porta fechara-se mesmo no focinho indignado do Leão que já ninguém podia segurar. Cá fora, tão cruamente excluído, o cão gania, ladrava, punha-se aos pulos, aos encontrões à porta, tudo numa perfeita histeria!

– Ora, ora! Agora é que o cão dá connosco em tolos! – Comentava a Glória na sua resmungue habitual. – Ó, Leão! Sai daí! Deitas a casa abaixo! Tu mais os meninos!

Glória estava agora espedada mesmo debaixo da janela onde as crianças berravam desenfreadas para saber o que se passava!

– Ó Nini! Ó Manezinho! Santa paciência! Com tanta gritaria, isto já parece um asilo! Vá, caluda, que o papá precisa de paz e sossego para tratar ali de uma coisa!

– Mas que coisa, Glória? Nós sabemos que é uma cadela ferida! Ninguém nos diz nada, mas nós sabemos! O que está o papá a fazer-lhe?

– Anda, diz lá, Glória! – Suplicava o Mané, que sabia que a velha empregada não resistia por muito tempo aos seus pedidos.

Leonor, que tinha saído dali por alguns minutos para poder fazer uma chamada, a pedido do marido, regressava agora à cena e tomava verdadeiramente consciência da gritaria dos filhos, que se acotovelavam o mais possível à janela do andar de cima, para não perder pitada:

– Ó mãe, MÃE! O que é que aconteceu! O que é que o pai está a fazer? Ó MÃE!

– Saiam já daí imediatamente! Vocês querem cair cá abaixo? Fora daí! Só me faltava mais este sarilho, logo hoje!

Nem era preciso repetir porque os dois irmãos já tinham voado pelas escadas abaixo e corriam até à porta da cozinha que dava para o pátio das traseiras.

– Oh! Está fechada! – Exclamou a Nini movendo com força o puxador para cima e para baixo. – Fecharam-nos cá dentro! Mané, estamos fechados!

O Mané abriu muito a boca e os olhos e repetiu as palavras da irmã:

– Estamos fechados... fechados, Nini! E agora?

– Tenho uma ideia! – Exclamou a Nini recuperando o entusiasmo habitual. – A janela do quarto de banho! Não tem grades e está sempre aberta! Anda, Mané!

– Boa! A janela do quarto de banho... não tem grades... e está sempre aberta! – Ecoava o Mané, confiante nas ideias brilhantes da irmã. – Espera por mim, Nini!

Esta correu na frente e, num rompante, abriu a porta do quarto de banho de serviço, quase ao lado da cozinha. A janela não era assim tão alta e... estava aberta, mas... azar dos azares... só abria uma frinchinha de nada. Mal dava para caber o braço! Mas a Nini não perdeu tempo e logo lhe surgiu uma ideia ainda melhor:

– Já sei! Por que é que não me lembrei disto antes?

O Mané estava meio aparvalhado e apertou com força a mão da irmã, lançada já em voo picado pelo corredor em direcção à garagem que tinha uma porta de ligação com os fundos da casa.

– Aposto que está aberta, como sempre! Ninguém se lembrou de a fechar, tenho a certeza!

E estava certa! Em segundos, os dois irmãos estavam cá fora, junto à magnólia ao lado da garagem, e em três tempos puseram-se nas traseiras da casa, para espanto da mãe e da Glória e para a grande alegria do Leão, que correu a dar-lhes as boas-vindas à boa maneira de fiel amigo, mas completamente abrutalhado! Quase derrubou as crianças por terra, com os saltos e as lambidelas afectuosas!

– Pára, Leão! Olha o que fizeste! – Exclamava a Nini, desamarrotando o vestido branco com cerejas bordadas, marcado em exclusivo com grandes patadas

castanhas de terra! O Mané limpava com a mão o rosto lambuzado sem se preocupar grande coisa. Gostava muito do Leão – era um amigalhaço! Um bocado trapalhão... mas até fazia de cavalinho para ele montar! A Nini é que era uma esquisita, pensava o pequeno, habituado que estava ao lamaçal e à poeira da quinta, nos seus ralís de triciclo com o Peninha.

Por falar nisso, onde é que se metera o Peninha? Estava muito calado! Nem aparecia! Muito estranho, também. É que o Peninha era muito curioso... estava em todas, metia o bico em tudo quanto era sítio! Mas, tal como a Nini, o Mané tinha outros interesses de momento. O que é que se estava a passar lá dentro da clínica? Tanta demora!

– Tenham paciência, filhos! – Repetia a mãe procurando sossegar as crianças.
– Não há-de ser nada. Tudo se vai resolver, calma! O papá já tratou de muitas feridas como esta. Porque é que vocês não vão brincar?

– Ó mãe! Brincar? Agora? Não há nada para fazer!

– Não terás trabalhos para a escola, Nini?

– Ó mãe... já vou! É só uma coisita de nada que eu faço num instante! Vá lá...

– Não, senhora! Vamos já para dentro acabar os trabalhos de casa!

– Mas... mãe...

– Não há mas, nem meio mas! E tu, Mané? O teu triciclo? Vai buscar o Peninha, não queres?

As duas crianças não tiveram outro remédio senão obedecer à voz autoritária da mãe. Quando ela se zangava, zangava mesmo, e não convinha contrariá-la! A Nini foi para o quarto fazer os trabalhos e o Mané correu pelo pátio em direcção ao lago dos patos, desatando a chamar pelo Peninha! Leonor entrou em casa e dirigiu-se ao escritório para pôr em ordem uma série de papelada da clínica. Jorge não tinha tempo nem disposição para burocracias quando saía à noite da clínica, cansado de atender dezenas de animais o dia inteiro, e era uma maneira de ela o ajudar. Nem aos fins-de-semana ele tinha sossego, porque havia sempre este caso ou aquele mais urgente, que não podia esperar, sem contar com os animais internados, que necessitavam de cuidados acrescidos. Aquela tarde quente de um domingo de Maio seria sempre lembrada por todos pela grande ansiedade e expectativa que os acontecimentos ali vividos tinham despertado. Felizmente, Pedro aparecera pela herdade por causa de um par de rolas ao seu cuidado, vítimas quase mortais das garras de um gatarrão vizinho.

Mais de uma hora se passara já e... nada. As portas da clínica continuavam fechadas e ninguém lá dentro dava sinais de coisa alguma! O Mané pedalava sem parar o seu triciclo mas, do Peninha, nem rasto... estranho! O pequeno já tinha corrido

os cantos todos da herdade onde o Peninha se podia ter escondido mas não havia sinais do pato. Onde é que ele se metera? Nem a mãe, nem a Glória, o tinham visto e até o Leão, que descobria tudo com o faro, não encontrava o Peninha, nem rasto do Peninha, em lado nenhum! Mas a verdade é que o Leão estava pouco interessado em andar atrás do Peninha! Qual pato, qual carapuça! Havia uma cadela por perto e, ferida ou não... era um motivo muito mais interessante para o 'rei-leão' do que aquele pato cusca, armado em grande corredor! Postara-se de pedra e cal à porta da clínica, mas desta vez muito bem comportado, cheio de pose. A Nini estava de volta às traseiras da casa, impaciente por saber notícias da cadelinha. Da Glória, nem sinais, e da mãe muito menos. Melhor assim!

De repente, ouviu-se um rumor dentro da clínica e, passados uns momentos, a porta abriu-se. Os três homens saíram das instalações com ar menos preocupante. A coisa tinha corrido bem! A Nini aproximou-se de imediato do pai, cheia de ansiedade.

– Correu tudo bem! Pronto! O pior já passou! – Exclamou ele, acolhendo o abraço que a filha lhe dava. O Mané rodava a toda a velocidade no seu triciclo e em breve juntava-se ao pai e à irmã.

– Mas conta, pai! Conta o que aconteceu! O que é que aconteceu à cadelinha?

– Sim, pai, conta lá! Vai ficar boa?

– Vai ficar boa, sim, Mané! Pelo menos, tudo indica que sim!

– Mas o que é que ela tinha assim de tão grave, pai? Estavam todos tão aflitos! Tudo calado, num grande mistério!

– E o caso não era para menos, Nini. Não quisemos assustar-vos! É uma cadela pequena, uma 'fox-terrier' pura, como o Milú do Tintim, sabem?

As duas crianças não sabiam muito bem de que é que o pai estava a falar e entreolharam-se algo intrigadas. Coisas do pai...só se fosse... bem, só podia ser:

– Ah! Já sei! Aqueles teus livros de banda desenhada, não é pai? O Tintim tem até cabelo com gel na frente, não tem? – Perguntou a Nini vivamente, lembrando-se subitamente daquela estante com os livros velhos do pai. O Mané continuava sem saber, mas dizia que sim com a cabeça para imitar a mana, não fosse ela pensar que ele não sabia mesmo nada de nada.

– Isso mesmo! Pois é, a cadela andava na caça e foi apanhada por um chumbo perdido, que se lhe alojou muito fundo no corpo. Perfurou-a na barriguinha, atingindo os intestinos, e isso fez com que ela perdesse muito sangue. Por isso, desmaiou! Tivemos de operá-la para pôr tudo em ordem lá dentro! Fizemos uma série de costuras...

– Mas está tudo bem, não está, pai? – Certificou-se a Nini, sem o deixar acabar o historial das costuras. Os pensamentos do Mané, que estava mudo de assombro e

temor, ecoavam nas palavras da Nini. Que impressão, a cena da costura: e o Mané via a imagem da Glória, sentada à mesa da cozinha, de agulha e linha na mão a pontear meias e a refazer baínhas... Mas logo a seguir, sem mais rodeios, o garoto fez a tão desejada pergunta sobre o que mais lhe interessava saber:

- E podemos ficar com ela? Podemos, pai? Diz que sim!
- É, pai, podemos? Coitadinha, não tem ninguém!

Jorge sorriu e ia assentindo com a cabeça. Leonor chegava nesse momento, alertada com a vozeria alegre das crianças nas traseiras. De imediato a inteiraram de todos os pormenores, fazendo com que respirasse de alívio pelo êxito de toda aquela “operação de resgate”, como ela disse, num gracejo bem-disposto.

– Julgo que não haverá problema! – Respondeu Leonor, sorrindo perante a intensidade daqueles olhinhos ansiosos. – Afinal de contas, ela foi abandonada para morrer. Até nem sei como é que a puseram dentro de um caixote... só se fosse para o sangue não dar nas vistas! Por sorte é que escapou! Esperemos que recupere bem! Lá bravura tem ela, apesar de tão pequena!

– E também é novinha! – Completou Pedro, que esquecera o nervosismo inicial e se preparava para ir embora, de regresso a casa. – Valeu o Joaquim estar a passar por perto e ver o caixote.

– Ah, bem! Se não tivesse sido tão rápido a trazê-lo, a cadela não se safava! – Reconheceu o veterinário vendo o ar de felicidade que se espelhava no rosto do jornaleiro, enrugado e tisonado do sol. Há tantos anos ali na quinta e sempre na mesma... toda a vida se lembrava daquele homem, naquele mesmo jeito seu, um tanto sisudo, de poucas falas, com roupa coçada e galochas... mas mais novo, é claro, se é que isso alguma vez se notasse...

– Lá isso é verdade! Não se safava mesmo! – Repetiu o sr. Joaquim, orgulhoso por ter participado numa verdadeira “operação”, como se fosse a uma pessoa. Era a ele que o doutor tinha encarregado de segurar a cadela o tempo todo, mesmo a dormir. Dera-lhe uma bata própria para vestir, luvas fininhas... mas antes tivera de se desinfetar todo, mãos e braços, com água e sabão.

– Devo agradecer-vos, meus amigos, a ajuda preciosa que me deram! – disse Jorge emocionado ao apertar com força a mão aos dois homens que o tinham acompanhado. – Não o teria conseguido sozinho! Muito obrigado, mais um a vez! Foi uma sorte!

– Ora essa, doutor! Pode sempre contar connosco, já sabe! Foi uma honra! Eu não ia deixar o animalzinho ali a morrer, a escoar-se em sangue, e depois... sempre se dá uma mãozinha para ajudar... ora bem... faz-se o que se pode... mas ainda assim, seja como for, quem a pôs aqui à porta do médico sempre teve um pingão

consciência... a bem dizer, não é? Mas não se faz, não se faz... nem ao maior canalha...

O jornalista despediu-se de todos e meteu pelo caminho da herdade em direcção aos portões de saída. Regressava finalmente a casa, na povoação, com uma longa história de final feliz para contar aos seus: uma aventura de verdade para salvar uma infeliz que ia morrer por causa de um tiro, uma cadela de raça pura e tudo, em que ele, Joaquim das Neves, tinha sido o herói da fita – quer dizer, um dos bons!

Pedro, já com outra cara depois do sucesso da cirurgia, despedira-se e arrancava agora com seu Range-Rover dinossáurico – o “turbo-chasso”, como ele lhe chamava – deixando para trás uma imensa nuvem de poeira e fumo.

– A cadelinha está a repousar para poder ficar boa depressa! Não comeu ainda nada, está só a soro e precisa de medicação! – Explicou Jorge, olhando o relógio. – Vou lá dentro ver e, se me prometerem que se portam bem, deixo-vos vir comigo! Mas nada de mexer! Está completamente proibido mexer no que quer que seja e muito menos tocar na cadela! Prometem?

É claro que as crianças nem pestanejaram: PROMETEMOS! – Gritaram ambos em unísono, entrando com o pai na clínica. A cadelinha estava numa das jaulas do internamento, já desperta e bem-disposta, embora sem se poder mexer. Abanou a cauda levemente em sinal de reconhecimento. Logo mais ela iria deixar o soro passando a alimentar-se normalmente! As crianças estavam encantadas e já inventavam toda a sorte de nomes para lhe pôr:

– ‘Boneca’ ... não, ‘Boneca’, não! As bonecas podem ficar com ciúmes... é melhor não... então, e ‘Lili’? Não, ‘Lili’ é a gata da Joana e depois ela diz que estamos a copiar!

– Não diz nada!

– Ai isso é que diz! Não sabes como ela é?

– É mesmo... E se fosse ‘Kitty’?

– Ó esperto, isso é nome de gato!

– Podia ser “Milú”... – O pai tentava agora a sua sorte como padrinho da cadela...

– “Milú”? Ó pai, o cão do Tintim? Vê-se mesmo que não tens imaginação nenhuma! Talvez... talvez, “Pucca”!“Pucca” é giro!

Aquilo só podia vir da Nini: só via Puccas na frente. Era canetas da Pucca, cadernos da Pucca, malas da Pucca, o estojo da Pucca... tudo Pucca, com aqueles olhos em linha dos desenhos animados japoneses! Mas, não, decididamente ‘Pucca’ não servia.

– E “Didi”?

A “Didi” era a irmã endiabrada do “Dexter”, o menino de óculos e bata branca do *Cartoon Network*, enfiado num laboratório a fazer de cientista.

– Disparate! A “Didi” é uma chata!

– Chata, a “Didi”? Chato é o “Dexter”! Com a mania que sabe tudo... armante é o que ele é!

E lá se iniciava entre ambos uma troca infundável de palavras mais ou menos “amigosas”, levando o pai a dar-lhes uma valente descompostura e a terminar logo ali a visita à cadela. Era estritamente necessário não perturbar a paciente! O pós-operatório era delicado e merecia cuidados acrescidos.

Porém, a novela sobre o nome da cadela estava ainda no ar e não dava sinais de chegar ao fim nos próximos episódios, a decorrer no pátio das traseiras. Mas, de repente, num lance de genialidade, deu-se a esperada reviravolta dos acontecimentos e o Manezinho deu o golpe final ao soltar num clamor o nome mágico:

- “FOXY” – ela é uma “fox terrier”, não é? Então... “fox”... “FOXY”!

Seguiu-se um breve instante de emoção e perplexidade ante semelhante revelação. Brevíssimo instante, não exageremos...

– É isso! Boa, Mané! ‘Foxy’ é mesmo o máximo! Tinha pensado em “Terry” mas a Glória ia chamar-lhe “Terra”, quase de certeza... “Foxy” é mais giro!

A Nini era muito justa e também gostava de reconhecer quando alguma coisa merecia o seu elogio, nem que viesse do Manezinho. Mas era um querido, lá isso era... às vezes... bem... poucas vezes... enfim... muito poucas! Mas a Nini adorou o nome, não há como negar, e correu logo a anunciá-lo a toda a gente:

– FOXY! Estão a ouvir? A cadela chama-se FOXY!

E assim, a cadela abandonada e ferida de morte passou a ter nome próprio: FOXY.

V. Para lá dos muros da herdade

Passaram-se duas semanas sobre este episódio. A Foxy recuperara muito bem e já corria alegremente por todo o lado. Quando não corria, pulava! Parecia amestrada para o circo, sempre a saltaricar com as patinhas dianteiras no ar, especialmente quando via o Mané de bola na mão. A bola era o seu brinquedo favorito e já não havia conta para as que tinha destruído afanosamente, espetando-lhes aquela linda cordilheira de piquinhos brancos que eram os seus dentes. Quem de início não achava grande graça à Foxy era o Peninha, que se sentia lesado pela usurpação que a cadela fazia da sua amizade com o Mané. Mas o pequeno continuava a fazer os seus

habituais ralís com o pato no cesto do triciclo e, nem assim, as coisas mudavam. Até que um dia a situação se alterou radicalmente e o pato começou a encarar a cadela com outros olhos e, sobretudo, com outro bico. Mas isto ainda levou o seu tempo e foi preciso que acontecesse algo verdadeiramente grave para que o Peninha compreendesse que a Foxy não viera para lhe tirar o lugar junto do Mané nem, por sua vez, o pequeno ia pô-lo de lado para brincar só com a cadela! Eram todos amigos e assim é que devia ser! Além disso, a Foxy, que um dia tinha sido salva de morrer com um tiro, fora também quem lhe salvara a vida! E isso, o Peninha não havia de esquecer nunca: se não fosse pela Foxy, àquela hora estaria já no papo de alguém ou de alguma raposa esperta! Pensando melhor, depois daquele dia de fraca memória, em vez de arrelhar a cadela dando-lhe fortes bicadas naquele insuportável pêlo grosso, o Peninha passou a ser simpático – muito simpático, até – com a Foxy, dando-lhe bicadinhas afectuosas no focinho, como se fossem muitos beijinhos.

Mas deixem-me contar-vos o que aconteceu. De há uns tempos a esta parte, o Peninha andava muito saído e já não se contentava com as brincadeiras dos outros patinhos no lago dos caniços, com nenúfares cor-de-rosa e lilás. Tinha a sua piada uma vez ou duas, mas todos os dias a mesma coisa era uma grande maçada, especialmente para um pato esperto como ele que até entrava em corridas de triciclo. O Peninha queria conhecer mundo, alargar os seus horizontes, ser um pato com vistas largas, porque era assim que as patinhas haviam todas de correr atrás dele! Isto pensava o Peninha enquanto passava para o exterior da herdade, tendo descoberto, por mero acaso, uma grande buraca com um pequeno túnel, por baixo do velho muro de pedras que circundava os fundos da propriedade. “Ah, liberdade!”, pensava o Peninha extasiado, não sem uma pontinha de receio, ao olhar a extensa mata de carvalhos, pinheiros, tojo e fetos altos que o rodeava. Ali mal entrava o sol e o Peninha teve a estranha sensação de ter passado de repente de um lindo dia claro para uma noite enluarada, de luz verde-prata. Por momentos estacou, num misto de surpresa e angústia indizível, que nem a sua mente de pato esclarecido sabia descortinar. E nesse dia, o medo foi mais forte e o patinho correu sem parar, de volta para a herdade. Suspirou de alívio ao ver os outros patos a brincar na água, a mãe pata a ralar como de costume, e o Leão a espreguiçar-se na erva fresca, sempre de olho na Glória, que estendia roupa, e nos pássaros que iam roubar-lhe os restos da ração. Num ápice, o Peninha mergulhava nas águas do lago e entrava na algazarra generalizada dos outros patos. Tudo voltara ao normal – melhor assim! Mas... esperem lá... não era bem assim: qualquer coisa se passava lá atrás no pátio da cozinha. O Peninha ouvia a voz do Mané que o procurava, dando pela sua falta. E então apressou-se a aparecer, morto de curiosidade para saber a razão daquele

escarcéu todo e também na expectativa de mais um passeio de triciclo. Foi o dia em que a Foxy entrou na herdade ferida, quase sem vida, e todos estavam aflitos procurando salvá-la.

Volvidas duas semanas, porém, as coisas eram diferentes. Depois daquele dia, e apesar do calafrio de medo que lhe eriçava no dorso a penugem amarela, o Peninha aventurou-se de novo a sair da herdade pelo buraco debaixo da cerca. Tantas vezes o tentara tantas vezes ensaiara os mesmos passos que, logo mais, a mata onde o sol mal entrava se tornou familiar, quase tão familiar como o lago dos caniços e dos nenúfares ou o triciclo do Mané. E foi aí que o patinho, já espigadote, descobriu um sítio absolutamente incrível. Ficava bem longe da herdade, a perder de vista o muro da cerca, e escondia-se debaixo do tojo alto e das largas badanas em leque dos fetos. O Peninha fez a descoberta totalmente por acaso, ao ir atrás de uma borboleta azul que depois desapareceu no ar como que por magia! Intrigado com o mistério, o patinho não esperou por mais nada. Procurou, procurou por todo o lado, entre as flores amarelas e os espinhos do tojo, debaixo da caruma dos pinheiros que forrava a mata... procurou uma pontinha de azul às viravoltas na luz verde-prata que envolvia a mata. E olhou bem para cima... para lá da folhagem das árvores, e viu azul, um imenso azul, pedacinhos recortados de azul, muito brilhantes e muito longe, também. Mas não podia ser, aquilo não era o azul que ele procurava! Nesse preciso instante, o Peninha compreendeu que lá em cima, mais longe do que todas as borboletas ou os cumes das árvores, estava o céu azul, aquele mesmo céu que na herdade já nem se dava conta, porque era só olhar para cima e pronto, lá estava: sem pedacinhos, num todo só, como uma grande tela pintada a uma única cor. Nem sempre de azul, é certo, às vezes de cinzento, e outras vezes com largas pastas de branco, que eram as nuvens. Mas na mata tudo mudava. O verde-escuro das árvores misturava-se com a cor prata da luz, e tudo o que restava do azul do céu eram pequenos recortes onde se desenhavam em sombras as formas das folhas.

Mas... oh! Lá estava ela! A borboleta azul! Mas de onde é que ela saíra? O patinho decidira tirar a limpo toda aquela história, resolver o mistério da borboleta desaparecida sabe-se lá para onde, da maneira mais óbvia e certa. Tinha de seguir aquela coisinha azul esvoaçante que parecia fazer-lhe negaças mesmo ali à frente do seu bico... era inevitável! Não era ela que iria fazer dele parvo... até tinha graça! Isto pensava o Peninha enquanto deitava a correr e a saltar para não perder de vista a borboleta azul. Mas desta vez, ela estava mais compreensiva, muito mais bem comportada, e até parecia esperar pelo pato, quando este se desorientava por breves segundos, no meio daquele matagal todo. Finalmente a borboleta parou, pousando sobre as amplas folhas de um feto gigante. Era aqui? Não, a borboleta estava a

enganá-lo! Só podia ser! E o Peninha amou, desanimado pelo seu esforço ter sido todo em vão. Tanta coisa para nada! Borboleta mentirosa! Fingida! Então era este, o grande mistério? E julgas que eu acredito? Ha-ha! Vou-me embora... não brinco mais contigo! Vou mas é brincar com o Mané e com os outros patinhos da herdade! Borboletas ... mas quem é que quer brincar com borboletas? E o Peninha dispunha-se a dar meia volta para regressar ao carreiro que o levaria de regresso à herdade quando nisto... a borboleta esvoaça de novo num ímpeto e desaparece como da primeira vez! O Peninha não queria acreditar no que estava a acontecer! Mas onde é que se metera aquela sirigaita? Não era possível ter-lhe escapado! Só que agora a borboleta parecia querer dizer outra coisa, pois daí a nada voltava a aparecer no mesmo sítio de onde sumira, sobre o feto gigante. O Peninha não esteve com meias medidas e resolveu avançar para descobrir o que se passava ali de tão estranho! Aproximou-se do enorme feto mas nem assim a borboleta se mexeu um milímetro. “Estranho!” – pensava o Peninha, sem esconder a crescente curiosidade que o dominava. Subitamente, e bem à vista do pato, a borboleta afasta-se do feto e voa para dentro de um vazio escuro no meio da vegetação, desaparecendo pela terceira vez sem deixar rasto. Mas agora o Peninha já sabia o que fazer. Alguma coisa havia naquele local, nem que fosse terra, ou pedras... as plantas tinham de ter um pé firme em qualquer lado e, além disso, o Peninha bem sabia que as plantas tinham raízes... e raízes significavam terra. O pato reflectiu melhor ao lembrar-se dos nenúfares do lago – bem, havia plantas da água! Estava ele nestas altas especulações botânicas quando, numa fracção de segundo, um ruído quase imperceptível, um marulhar quase indistinto de águas se fez ouvir. Água! Era isso, água! Havia ali água, sem dúvida alguma! Impulsivo como só ele, o Peninha deixou-se cair no vazio escuro para onde a borboleta também saltara e... pasmem! Do interior da terra, escondido entre a densa folhagem da mata, brotava um pequeno regato de águas muito frias e límpidas que ia ter a uma gruta acanhada escavada na rocha. O pato abria e fechava o bico de surpresa e curiosidade, seguindo sem hesitar a pista da água. Uma vez no interior da terra, o leito do regato alargava-se, formando uma espécie de bacia pouco profunda, que logo depois afinilava num túnel escuro perfurando a terra. Como a corrente era fraca, a pequena bacia rochosa mais parecia um laguinho delicioso. O Peninha estava no seu elemento, sem ninguém para o incomodar nem atrapalhar no doce deslizar tranquilo daquele “spa” privativo... bem, quanto à borboleta azul... sim, quanto àquela safada, tinha debandado sem deixar rasto...! Mas que era isso para um pato aventureiro e independente como o Peninha?

VI. O Peninha fugiu

Começava a cair a noite naqueles dias de Junho, os mais longos do ano. Já passava das nove horas e nem sinais do Peninha. O Mané correrá a procurá-lo por todos os cantos possíveis e imaginários da herdade, mas nada... Nem o fardo do Leão nem da Foxy tinham descoberto qualquer pista e os dois cães andavam por ali às voltas, meio confusos e apatetados. A Nini apressou-se a vasculhar o telheiro dos patos, por baixo dos molhos de palha, não fosse o Peninha ter lá ficado preso... quem sabe, apanhado por alguma armadilha para os ratos! Mas, não! Nem Peninha, nem sombra de Peninha! Onde se teria metido esse pato sarilheiro? – Resmungava a Glória, a braços com a loiça do jantar.

– Ele lá aparece, como sempre! Não vale a pena preocuparmo-nos inutilmente! – Ia dizendo a mãe, pouco convencida do que estava a dizer. Para ela, o pato saíra da herdade e fora apanhado por algum ladrão de galinhas ou por qualquer raposita esfomeada que rondasse por perto. Tentava reconfortar os filhos que já ninguém aturava, lavados num pranto carpideiro sem fim, sobretudo o Mané. O pai tinha saído para assistir ao parto de um vitelinho na propriedade vizinha e acabava de chegar, bastante cansado, mas muito satisfeito por tudo ter corrido da melhor maneira. Era um lindo animal, grande e saudável! Mas os gratos pensamentos do veterinário, que só queria meter-se debaixo de um chuveiro, comer qualquer coisa e descansar, quer dizer, dormir, não duraram muito. Mal saíra da carrinha e pusera pé em solo firme, foi logo assaltado por duas criaturinhas alvoroçadas, chamadas Nini e Mané, que lhe contaram a terrível peripécia do sumiço do Peninha! Naturalmente, a estas duas criaturinhas juntaram-se outras duas, igualmente extrovertidas e em grande alarido, só que em versão animal: o Leão e a Foxy. Ia uma autêntica chinfrineira naquela garagem, com duas crianças e dois cães a protagonizar uma cena surrealista de massacre ao adulto desprevenido! No meio desta alta confusão ouve-se lá fora uma buzina conhecida e um carro a travar bruscamente e em extremo debaixo da magnólia.

– É o Tó! O Tó! – Gritaram as crianças, ao mesmo tempo que deixavam para trás o pai emudecido de pasmo e nitidamente ultrapassado pelos acontecimentos. Era de facto o tio Tó no seu carro mais que velho, todo porco e estafado, como de costume. O rapaz nem teve tempo de respirar mal saiu do carro, pois foi logo invadido pela turba a quatro dos sobrinhos e dos cães. O massacre ao adulto desprevenido dirigia-se agora para o Tó que, sorte a dele – ou azar... – não estava tão exausto como o pobre do veterinário.

– Eh, calma aí! Leão, para trás! És um peso bruto! E tu, pequenina, já estás boa?

A Nini e o Mané estavam tão radiantes com a vinda do Tó que lhe saltaram de imediato para o pescoço, ficando ali a baloiçar ao dependuro.

– Vocês pensam que eu sou o quê, seus macaquinhos? A Feira Popular? Mas que grande que tu estás, Nini! Cresceste!

– E eu? Não estou grande também?

Já de volta ao chão, a Nini empurrava agora o Mané com uma enorme cotovelada:

- Eu é que cresci, vês?

O Tó tentava em vão endireitar as costas enquanto se defendia das investidas afectuosas dos cães. O Leão era um trambolho de peso e força, sem a menor consciência disso; a Foxy era uma bailarina, aos pulinhos nas patas traseiras e sempre a rir, com a língua de fora.

- Eu é que cresci, não foi, Tó? – Insistia a Nini.

– Muito! Mas o Mané também! Estás enorme, Mané!

O pequeno ficou mais aliviado e lançou um esgar de soslaio à Nini que, apesar de tudo, tinha outras preocupações. Mas, pensando bem, o Mané era todo preocupações. Afinal de contas, o pato era seu... era o seu 'navegador' oficial nos ralis de triciclo.

– Mas que barulheira vem a ser esta? O vosso pai fugiu daqui a sete pés com o susto! A mãe nem aparece... que é que lhe deu... então, o que há! Contem ao Tó!

As crianças contaram ao tio o desaparecimento do Peninha. Ninguém o via desde manhã... às vezes desaparecia, mas voltava logo! Mas hoje era diferente, qualquer coisa má se passava! Às tantas apanharam o Peninha – ele era tão meiguinho, não tinha medo das pessoas, não fugia nem nada...! O Tó ouvia-os atentamente e sabia que não se podiam ignorar os receios das crianças.

- Bem, está quase noite, mas não podemos esperar mais tempo para procurar o pato! – Disse ele com voz resoluta. – Vou pegar numa lanterna aqui da garagem e vamos bater a quinta para encontrar esse traquinas!

– Vamos encontrá-lo, não vamos, Tó? Ele vai estar bem, não vai?

O Mané quase não continha uma lágrima teimosa e muito gorda que lhe embaciava os olhos. A Nini nem falava, com medo da resposta.

– Espero bem que sim! Esse malandro é muito esperto e deve estar a pregar-nos uma grande partida! – Respondeu o Tó a rir, disfarçando um certo mal-estar por poder estar a ocultar aos sobrinhos uma realidade mais cruel. – Vamos avisar os pais,

porque senão eles ficam sem saber onde é que nos metemos... e eu é que sou o responsável!

Mas nem o pai nem a mãe quiseram ficar para trás! Cansado sim, pensou o pai, mas a situação exigia mais um pequeno esforço da sua parte. Tinha jantado um tanto à pressa, o suficiente para renovar forças e correr à garagem para buscar mais lanternas. Já com o sol quase a desaparecer ao longe, na direcção do mar e por detrás das árvores altas da mata, o grupo dos três adultos e das duas crianças, mais os dois cães, meteu-se a caminho pela herdade adiante em busca do Peninha. Bateram todos os cantos e recantos, de uma ponta à outra da propriedade, mas do Peninha, nada! Nem sombra do pato!

Escurecera completamente, entretanto, e só à luz das lanternas se via por onde seguir. As crianças estavam completamente desanimadas e exaustas, mas não queriam desistir por nada deste mundo! Os dois cães arfavam de língua de fora e estavam já completamente desorientados com toda aquela andança. Chegavam agora a um dos extremos da herdade e Tó fez sinal ao cunhado para reparar no mau estado de conservação do muro de pedra que separava a herdade da mata.

– É melhor veres isto, Jorge! Não tarda nada a cair e ficas com tudo devassado... dá para a mata e sabes que os caçadores furtivos andam aí por todo o lado! Lembra-te do que aconteceu à cadela... pode acontecer a qualquer um de nós e, pior ainda, às crianças!

– Tens razão! É um perigo... tenho de mandar consertar.

O pequeno grupo tinha parado para fazer uma pausa porque o Mané, que seguia pela mão da mãe, não aguentava o ritmo da caminhada e até a Nini, que tinha a energia de sete gatos, dava mostras de grande fadiga. Mas não se queixava, era muito valente.

– É melhor eu regressar a casa com estas crianças! – Disse Leonor ao ver os pequenos tão calados e tristes, sentados em cima de uma pedra caída do muro. – Estão no limite, pobrezinhos! É uma violência, Jorge! Precisam de uma boa noite de sono!

– Oh, mãe! Não estamos nada! Vamos lá, anda Mané! Olha, se quiseres volta para casa só com o Mané – eu fico com o pai e o Tó!

– E eu também quero ficar! Já estou bom! – Repetia o Mané a esfregar os olhos para não adormecer. – Não quero ir embora sem encontrar o Peninha! E tu fica também, mãe! Não vás ainda! Não quero que vás sozinha...

A mãe sorriu, fez um afago na cabecita do Mané e beijou aquelas mãos pequeninas que apertavam com força as suas. Era um doce aquele seu filho! Tão

travesso mas sempre tão carinhoso e preocupado com a sua mãe... Mas era já muito tarde... e além disso, a Nini tinha aulas de manhã, era preciso acordar cedo!

Mas a Nini e o Mané não queriam saber de mais nada. Levantaram-se de um salto, sem darem ouvidos aos argumentos cuidadosos da mãe que preferia vê-los 'protegidos' em casa! Entretanto, o pai à socapa piscara-lhes o olho como que a dizer, vamos é viver a grande aventura: " Em Busca do Pato Perdido"! O Tó pôs o Mané às cavalitas e a Nini não tardou a pedir o mesmo transporte ao pai que, de bom grado, se dispôs a 'fazer de burrinho'. Mas, inesperadamente, quando todos se preparavam para prosseguir, o tio Tó tropeçou na Foxy e quase projectou o Mané para cima do muro de pedra. Leonor, que seguia mesmo a seu lado, evitou o pior, agarrando o irmão com força no braço.

– Cuidado, Tó! Estás bem? – Perguntou ela ansiosa. – O que foi? Alguma pedra solta... ou um galho?

– Não, nada disso, tropecei na Foxy! Não me sai dos pés... Ó Foxy, desanda daqui! Vai ter com o Leão!

– Mas onde é que está a Foxy? A Foxy não está aqui! – Exclamou o Mané mais que surpreso. – Ainda agora estava ali, colada aos pés do tio, e depois... fugiu...

Mas a Foxy não era de ficar calada! Ouvia-se o latir excitado da cadela mesmo ali por baixo – mas por baixo de quê? Onde? As crianças estavam de novo no chão e procuravam descobrir onde é que a Foxy se metera, enquanto os adultos iluminavam o terreno em redor com os focos das suas lanternas. Deram com um enorme buraco que fazia túnel por baixo do muro! E lá estava a Foxy, radiante da vida, pela descoberta que fizera! Com a agilidade que lhe era peculiar, a cadela saltou de novo para junto dos donos, continuando a ladrar sem parar, como que para lhes dizer alguma coisa!

- A Foxy está a falar connosco! – Exclamou o Mané, que era perito em falas de animais – especialmente de patos Peninha ou cadelas Foxy... e, vendo melhor, também falas de cães chamados Leão, que eram completamente loucos!

A cadela enfiou-se novamente pelo buraco e, no mesmo instante, encontrava-se do lado de fora da herdade, em plena mata. Adiantou-se um pouco mais pelo carreiro de caruma entre os fetos, com o focinho a farejar o chão como se fosse um aspirador. Regressava em altos latidos. O Leão estava aflitíssimo tentando meter-se pelo buraco para ir ter com a cadela, mas era demasiado grande e desajeitado! Também ele farejara alguma coisa e ficara ainda mais desatinado, aos saltos, procurando maneira de avançar o muro que, achava ele, talvez não fosse tão alto como isso. E, de repente, o Leão fez uma coisa perfeitamente inédita, que deixou todos boquiabertos! Afastou-se uns metros do muro e, ganhando lançaço, correu de

novo na sua direcção para se elevar elegantemente no ar, como um cavalo no salto de obstáculos. Nunca se soube muito bem como, mas o que é certo é que o Leão voou e aterrou literalmente do outro lado do muro. O veterinário temeu que ele se estatelasse e partisse as patas mas, pasmem, nada disso aconteceu: o Leão estava rijo e fero, com aquele ar de pateta alegre que todos conheciam, de língua de fora e a abanar a cauda junto da Foxy. Parecia que tinha treinado a façanha a vida inteira... se calhar até tinha... só que ninguém se tinha apercebido das escapadelas... mas isso era outra conversa!

Os dois cães ladravam cada vez com maior entusiasmo enquanto desafiavam aquele inexplicável grupo de humanos que não percebia patavina do que eles se esforçavam tanto por lhes dizer! Só o Mané – e a Nini, com certeza, pois já estava em pulgas – é que pareciam compreender! Era tão fácil! Bastava cheirar... de nariz no chão, e pronto! Cheirava a pato! O Peninha estivera ali, não restavam dúvidas... era tão simples quanto isso! Faro de cão não se engana! O Mané não se conteve, porém. Encavalitado nos ombros do tio Tó, o rapazito tinha uma visão panorâmica da cena dos dois cães eufóricos a farejar a mata:

– Eles encontraram o Peninha! – Traduziu o garoto com convicção. – Tenho a certeza! É isso! O Peninha está aqui! Vamos! Eu até posso ir pelo buraco como a Foxy e vocês ficam aqui, que são muito grandes para vir também!

– Ora, ora! És pequeno mas não tanto, Mané! – Riu a mãe, dissuadindo o filho de tal investida. O buraco tinha largueza suficiente para o Mané lá caber, embora um tanto contorcido... as crianças têm essa agilidade no corpo, parecem de borracha... mas a mãe é que não achou graça nenhuma à ideia! É claro que a Nini a achara “o máximo” e logo se imaginou a escorregar para dentro do buraco e passar para o outro lado do muro, em busca do Peninha! Nini no País das Maravilhas! Que fixe! Sem adultos, claro! Só que não era para encontrar coelhos nem baralhos de cartas a falar como gente e a dizer um chorrinho de disparates, como na Alice, mas era para salvar um pato! Um pato de verdade! Não, aquilo não era um sonho, nem sequer um jogo de *playstation*! Ah, no dia seguinte, a escola inteira havia de ficar a saber, e ia ser bem feito para aquelas ‘betas’ insuportáveis que eram algumas meninas da sua sala! A Nini via-se já levada em ombros pela escola em peso, ovacionada como uma heroína que salvara o pato de morrer nos perigos da mata, a meio da noite – sozinha ali, no meio daquelas árvores gigantes! Se calhar, até ia dar uma sessão de autógrafos... melhor que todas as gatas borralheiras ou as brancas de neve... não havia comparação... e quanto aos príncipes ... ah, todos os príncipes, que nem precisavam de ser príncipes... não, nada disso... mas os rapazes mais giros, mais fixes! Quem sabe, até podia lá ir a televisão! Bem, aí a Nini teve sérias dúvidas... a televisão era capaz de não querer

saber de patos perdidos... patos de rali... Chatice, rali de triciclo é que estragava tudo! Mesmo coisas do Mané ... ainda se fosse de bicicleta! Quem é que queria saber de ralis de triciclo? E a Nini tanto se agitou às cavaleiras do pai que, de repente, se viu de volta ao chão, para dar uns passinhos mais por sua conta.

– Vamos pela cancela junto à carvalha grande! – Decidiu Jorge, levando as mãos às costas que tinham apanhado uma dúzia de pontapés da Nini. – Faz-se muito tarde e não é conveniente andar pela mata noite dentro! Estas crianças deviam é estar a fazer um grande soninho nas suas camas!

Mas os protestos dos filhos, “ Ó pai! Ó pai! Por favor, só hoje! Vá lá! Nós portamo-nos bem... “, quebraram de novo o pai, que conduzia agora o pequeno grupo para a velha cancela de madeira, sem uso e quase tapada por silvados, à entrada da mata. Do outro lado do muro, os cães iam acompanhando o percurso dos donos e parece até que tinham percebido as suas intenções – para já não dizer as palavras – porque se anteciparam junto à cancela e aí ficaram a aguardar pacientemente a sua chegada. Sempre de focinho no chão, os animais sabiam muito bem por onde conduzi-los e, poucos metros adiante, a cadela estacou para desatar a ladrar furiosamente na direcção de um enorme feto que supostamente lhe barrava o caminho. O Leão, menos previdente e mais impetuoso, não se deixou intimidar pelo feto – que nem era assim tão grande – e avançou sobre o terreno, desaparecendo logo de imediato! Ouvira-se um grande “splash” acompanhado de um restolhar intenso de folhas secas! A Foxy continuava num grande frémito de latidos mas sem se aventurar um milímetro em frente. Andava ali à volta do grupo, de patinhas no ar como era seu hábito quando queria comunicar qualquer coisa.

– A Foxy já descobriu qualquer coisa! Aposto que é o Peninha! – Gritava a Nini, puxando a manga da camisa do pai com uma mão e segurando com a outra o braço da mãe! O Mané tinha feito um salto acrobático dos ombros do Tó abaixo e quase se estatelara no chão. Os focos das lanternas incidiam agora no local onde o Leão desaparecera e, como que por milagre, o canzarrão emergiu dali para fora sem acusar o mínimo de preocupação ou medo... só que desta vez vinha todo molhado! Deu meia dúzia de latidos – provavelmente para informar a Foxy – e desapareceu de novo! A cadela resolveu finalmente segui-lo, mas não à bruta, não! Esperta que nem ela, encontrou uma espécie de rampa com pequenos apoios de raízes mesmo por debaixo do feto gigante que, imaginem, escondia uma vala por onde passava um pequeno curso de água. Depois, o regato entrava pela terra dentro através de uma abertura escavada na rocha. Já devem ter percebido que os cães estavam justamente na entrada da gruta que o Peninha, umas horas antes e absolutamente por acaso, também descobrira, ao ir atrás da borboleta azul! A cadelinha regressava agora para

junto dos donos, de língua de fora e cauda no ar como uma antena! Todos tinham já a certeza de que os cães haviam descoberto alguma coisa e, a avaliar pela excitação de ambos, só podia ser o pato. Mas o que é que lhe teria acontecido? Era preciso descer e entrar na gruta para ver o realmente se passava. E foi isso mesmo que todos fizeram, apesar de ser extremamente difícil para os adultos passar pela abertura da rocha que dava para o interior. Mas lá dentro, surpresa das surpresas, havia até um espaço muito considerável, adivinhando-se já na imaginação das crianças o autêntico fascínio que o lago interior cavado na rocha iria causar! Mas era urgente encontrar o Peninha e, por mais que procurassem, decididamente ele não estava ali! Que desilusão... tanto trabalho, tanto esforço e cansaço para nada! Não, não podia ser, tinha de haver uma solução! Os cães não se haviam enganado!

De facto, os cães não se enganaram e persistiam em ladrar furiosamente na direcção de um dos cantos da gruta já dentro de água. Sem hesitar, os dois cães atiraram-se às águas nadando até ao local. Os dois homens apontaram para lá os focos das lanternas e, sim, muito a custo, parecia-lhes agora descortinar qualquer coisa que até então passara completamente despercebido. Semelhante a uma sombra e bem oculto pelas pregas rugosas das rochas, abria-se um túnel estreito e baixo, por onde se perdia o riacho terra adentro. Talvez se tratasse de uma outra saída... mas para onde?

VII. A aventura do Peninha

Lá estava o Peninha! Mais morto que vivo, pelo tremendo susto que levava, o patinho aventureiro estava preso – enalhado – numa entulhada de folhas secas, galhos velhos, plásticos, latas de refrigerantes, papéis, embalagens de cigarros vazias, cartuchos de caçadeira também vazios, e mais lixo a tapar a saída do túnel. Mas afinal, o que tinha acontecido ao Peninha? Bisbilhoteiro como só ele, o Peninha não se contentou com a piscina natural no interior da gruta e resolveu explorar por ali fora! Não queria afastar-se muito dali, pois morria só de pensar que se perdia, sem encontrar o caminho de volta para casa. Mas foi nessa altura que os acontecimentos se precipitaram. Dentro da pequena gruta ouvia-se agora um chapinar intenso das águas que mais parecia um chafurdar de porcos. Só que não eram porcos – eram cães, cães a ladrar e a rosnar furiosamente. Tentavam enfiar-se pelo túnel dentro porque lhes cheirava a caça de ‘capoeira’ mas, infelizmente para eles e felizmente para o nosso Peninha, o espaço era demasiado apertado. O patinho estava apavorado e viu que não tinha outra saída senão avançar pelo túnel a toda a velocidade e

escapar das feras enraivecidas. Só então o Peninha se apercebeu e deu o devido valor aos cães da herdade, que nunca lhes fizeram mal. Não mereciam as bicadas de mau que lhes dava... E assim imbuído destes elevados pensamentos de pato arrependido, o Peninha via-se agora à beira de uma emocionante aventura. Mas não era isso mesmo que ele sempre quisera? Uma aventura? Ela aí estava! Pois que viesse! O túnel não era muito comprido e, além disso, se filho de peixe sabe nadar, filho de pata, também!

Em breve o túnel deixava entrar alguma luz e o Peninha viu ao longe uma nova abertura do túnel! Não sabia onde ia dar, mas aí é que estava a piada! Ia ver novas terras, alargar horizontes... um lindo prado verdejante estendia-se encosta abaixo em direcção ao rio.

O Peninha não cabia em si de contentamento, deliciado que estava com a sensação fresca da erva nas patas molhadas. Meteu o bico entre a penugem para a secar e dispôs-se a dar uma volta por ali para explorar o local! Andava um rebanho de ovelhas a pastar calmamente e, imagine-se, até uma família de patos em filinha indiana – ou seriam gansos? Ainda tentou falar-lhes mas, afinal, os patos eram mesmo gansos, de boca aberta com uma fiada de ‘dentes’ e caras desconfiadas. O melhor era esquecer os primos... Até o cão de guarda do rebanho, de focinho abelhudo e dentuça arreganhada, corria já ameaçador na sua direcção. Foi só tempo de pôr as asinhas a dar a dar para não acabar na goela do cão. Foi por um triz!

A tarde caía na encosta e a noite aproximava-se a passos largos. Era melhor voltar para trás... e os cães? Ainda estariam na gruta? E o Peninha não pensou duas vezes, queria chegar de novo a casa. Uma vez no túnel, fez o caminho inverso, à contra-corrente das águas. Tudo parecia calmo... não se ouvia nada, o caminho devia estar livre. Ah! Que era aquilo? Uma barreira no túnel, mesmo à entrada da gruta! Não, não era possível passar com semelhante tapume de lixo... por isso não havia tanta corrente no interior do túnel... Com o bico e sem o menor êxito o pato tentou remover a entulheira. Mas nada. À mistura com a lama e sacos de plástico, as latas e o cartão das embalagens ia formando uma parede inamovível que aos poucos foi também entalando o pobre patinho, tornando-o parte daquele lixo todo. Estava escuro como breu e, com toda a certeza, lá fora era já noite cerrada. Que pena um pato não ladrar... sempre se ouvia melhor! Ou mesmo miar! Quando se punham a miar os gatos não estavam para brincadeiras e miavam bem alto, sem parar, até alguém os ouvir e lhes dar o que queriam! Mas não, o patinho só sabia fazer qua-qua e quem é que ligava ao qua-qua? Apetecia-lhe chorar, mas nem isso era possível a um pato! Um pato quer chorar mas não pode... não consegue, por mais que tente... Que fazer? Restava-lhe esperar que a barreira se fosse desfazendo com o tempo, quando as

águas desgastassem o cartão! Mas... e as latas? E os plásticos? Apetecia-lhe chorar de novo... ali preso, pobre patinho aventureiro, sem se poder mexer. Foram momentos negros, ai isso foram, e o pato já não sabia mais o que fazer... e não havia nada a fazer – só esperar e esperar... até... bem, até quando, isso ele não sabia! Mas era melhor não pensar em coisas más!

VIII. O Peninha é salvo

O tempo foi passando, passando... e nem sinais de esperança para o infeliz prisioneiro do túnel.

Estava-se nisto quando, de repente, o Peninha começou a ouvir ruídos no exterior da gruta, ruídos bem conhecidos seus... eram os latidos da Foxy e do Leão! Não podia ser! Milagre! Mesmo sem conseguir vê-los não havia dúvidas: eram as vozes dos donos ... era a voz do Mané, era mesmo! E de facto, com já sabemos, lá estavam todos, curvados e apertadinhos, no interior da pequena gruta, sobre a estreita plataforma de rocha que marginava a bacia de água. Os dois cães já estavam dentro de água e esforçavam-se por escavar uma abertura no muro de lixo por onde o pato pudesse esgueirar-se. Mas o pato estava preso de tal maneira que não tinha escapatória!

– Como é que havemos de tirar dali o Peninha? – Perguntou o pai. – É um sítio de difícil acesso... mas é estranho o animal ainda não poder sair... os cães já desobstruíram muito da boca do túnel...!

– Ficou com a pata presa em qualquer lado – gravetos emaranhados, sei lá... – Concluiu o Tó com ar pensativo. – Temos de arranjar maneira de o tirar!

Entretanto, os cães continuavam animadíssimos dentro de água, numa batalha louca contra as latas de coca-cola e cerveja, os sacos de batatas fritas e outros plásticos, para já não falar no lixo ecológico impregnado de lama que também não ajudava nada. Mas quanto ao Peninha, nada feito! Até que o Tó teve uma ideia genial. Tinha estado a calcular a profundidade das águas na gruta à luz frouxa da lanterna e resolveu arriscar. Em breve o pato seria engolfado pela corrente, sem forças nem meios para se libertar. E assim, todo vestido, o Tó saltou para dentro do pequeno lago subterrâneo, pedindo apenas que lhe iluminassem bem o local. Brrrrr! Que frio! A água era mesmo gelada! O nível das águas dava-lhe pela cintura. Jorge chamou os cães que teimavam em ‘ajudar’ o Tó, achando tudo aquilo uma excitação única! Subitamente, o indesejado aconteceu: a agitação provocada pelos cães e pelos esforços do Tó fez com que o tapume onde encalhara o Peninha se desprendesse da

entrada do túnel e distanciasse no seu interior, fixando-se num local de impossível acesso a um adulto. Nem estendendo os braços ao máximo, era inútil!

– Já sei! – Exclamou o Mané de repente e aos pulos, logo imitado pelos dois cachorros.

– Eh! Pára com isso, Mané, não sejas parvo! Não vês que podemos todos cair?

– Era a Nini aos berros e irritadiça com a fadiga. Tinha tanto medo de não conseguirem, mas não dizia nada. Afinal, o Peninha era um querido e não merecia ter aquele triste fim!

Mas o Mané não parava:

– Já sei! Já sei! Vamos buscar um pau comprido à mata e puxa-se o Peninha! É fácil!

– É! Acho que o miúdo pode ter razão! – Concordou o Tó a pingar e a tiritar de frio, já fora das águas. Jorge agiu rapidamente:

– Vamos lá fora procurar um tronco fino e direito... e depressa! Sei de um sítio aqui perto. Anda daí, Tó, antes que apanhes uma gripe.

Diga-se, não foi tarefa fácil arrastar o Peninha do túnel para fora. Os dois homens tinham arranjado um trono esguio e comprido em forma de forquilha na extremidade, para servir de gancho improvisado e puxar o tapume com o pato lá encajado. Tiveram sorte e após muito esforço e paciência, o pato foi salvo. Foram momentos de alegria indescritível. O Mané aconchegou a si o patinho enregelado e aqueceu-o como pode, com todo o cuidado. Em breve chegavam a casa onde os esperavam a Glória, na maior aflição e já com um monte de promessas feitas aos santinhos. Perdidos naquela mata, sabe Deus, para ir à procura do pato! Raio de pato! Não lhe bastava atazanar o galo de Barcelos, era preciso desassossegar toda a gente! Grande desaforado!

Assim que chegou a casa, no entanto, o veterinário murmurou qualquer coisa para a mulher, e acompanhado pelo cunhado, apressou-se a entrar no escritório onde fez uma breve chamada telefónica. As crianças não se tinham apercebido de nada e, de tão exaustas que estavam, nem refilaram quando a Glória e a mãe as arrastaram pelas escadas acima para as pôr a dormir. O Mané foi ao colo da mãe, diga-se.

Tudo, enfim, regressava à normalidade e o sono chegou como um véu apaziguador sobre o final feliz da grande aventura.

IX. Um final feliz

No dia seguinte, Jorge recebeu um telefonema do posto de polícia. Havia encontrado o rasto dos supostos caçadores furtivos. Já estavam detidos para interrogatório. Já há muito que a PJ procurava os ditos caçadores furtivos. Faziam parte de um 'gang' organizado ligado ao crime do tráfico de droga e de armas. Portugal era apenas uma escala de passagem: a rota seguia por Espanha para se espalhar depois pelo resto da Europa. A caça, mesmo fora de época, era apenas um disfarce para as actividades criminosas dos indivíduos e os cães eram muitas vezes utilizados para simular o cenário convincente, pelo que não havia o mínimo de escrúpulos em feri-los ou até matá-los, se a situação assim o exigisse. Isso explicava também o facto de os donos dos animais não estarem minimamente interessados em recorrer à assistência veterinária, com receio de denúncia. A Foxy tinha sido exactamente um desses cães-cenário, mas com sorte.

Havia já algum tempo que se passavam coisas estranhas por aquelas paragens: tiros dispersos a qualquer hora do dia e da noite, sinais de luzes suspeitos nas margens do Minho, com um movimento anormal de embarcações fora de horas! As brigadas de trânsito faziam auto-stops por todo o lado e circulavam rumores entre a população. Mas ninguém estava propriamente interessado em se meter em confusões! Jorge não era excepção à regra e entendia que a polícia devia encarregar-se de resolver o problema: para isso é que existia! Entretanto, quando o dito problema lhe bateu à porta sem contar, não houve outro remédio senão denunciá-lo às autoridades.

O caso da cadela era muito suspeito e já não era a primeira vez que isso acontecia ali nas redondezas. Na altura, Leonor informou logo a polícia do sucedido e, semanas depois, já na mata à procura do Peninha, foi só juntar dois mais dois, ao ver todo aquele arsenal de lixo à mistura com cartuchos vazios de caçadeira. Não havia tempo a perder. Os factos estavam ligados e falavam por si – ou talvez não... talvez fossem apenas indícios inconsequentes... em todo o caso, a sua intuição dizia-lhe que havia ali qualquer coisa... Dizem que as intuições não falham – Jorge só vagamente acreditava nisso, mas...

Logo de tarde, recebeu uma intimação para se deslocar ao posto da polícia e prestar declarações. Iguamente foram chamados o Sr. Joaquim, por ter descoberto a cadela, e o Tó, que testemunhava ter visto sinais de luzes estranhos junto ao rio pelo final da tarde, ao dirigir-se para a herdade nesse fim-de-semana.

O desfecho dos acontecimentos foi semelhante a muitos outros anteriores. Era mais um caso de polícia. Voltaram a contar-se as histórias mais variadas sobre o

sucedido, todas elas animadas pelo mesmo espírito imaginativo das ficções para as quais a realidade não é mais que um ténue pano-de-fundo.

Mas além de todas as histórias de polícias e ladrões, dos bons e dos maus da fita, na nossa memória ficam apenas as que nos falam do tempo dos nossos triciclos, quando ainda sabemos falar ou inventar a fala dos animais e dos brinquedos.

Ainda nessa tarde, o Mané regressou ao seu triciclo e pôs o Peninha no cesto como navegador de ralis. O Tó cronometrou o tempo de cada corrida e a Nini fez de público ao único concorrente – é que o pato não contava! Bem, fez de público, mas com limites... não havia pachorra para aturar eternamente as corridas do Mané... além disso, a Nini tinha a sua bicicleta e não ia ficar ali de plantão o tempo inteiro a ver aquela chatice! Ah, é verdade, já me esquecia: o Leão e a Foxy tiveram de ficar presos na casota porque, como já devem ter percebido, com tanto entusiasmo, ainda viravam o triciclo, o Mané e o pato de pernas para o ar! Para já não falar dos estragos à bicicleta cor-de-rosa da Nini... e à cozinha da Glória! A ideia brilhante do Tó foi a de lançar uma bola para dentro da casota... para a Foxy se entreter a destruir na maior ferocidade...

Ainda não tinha chegado ao fim o tempo dos triciclos.